

Apres

Apresentação

Apresentação

Abrimos este número de *Ação Católica* com a publicação de um ensaio sobre o Venerável Bernardo de Vasconcelos, um dos padroeiros da Jornada Mundial da Juventude. Recordamos também, na secção *Memória*, um outro apóstolo da Eucaristia, o P. Abílio Gomes Correia.

De Dom José Cordeiro publicamos a homilia proferida na Sé, na solenidade do Santíssimo Corpo e Sangue de Cristo.

Publicamos duas homilias proferidas em Fátima, na peregrinação de 12/13 de junho, por Dom Nuno Almeida, agora Bispo Diocesano de Bragança-Miranda mas, ao tempo, ainda Bispo Auxiliar de Braga.

Damos notícia das jornadas do Episcopado e dos responsáveis pelas diversas comissões episcopais.

Apresentamos o texto de duas mensagens do Papa Francisco: uma para o Dia Mundial dos Avós e dos Idosos; outra, para o Dia Mundial dos Pobres.

O Diretor

1.

Tema do Mês

Atualidade da mensagem de Bernardo de Vasconcelos

Texto de Silva Araújo

Bernardo de Vasconcelos faleceu há noventa e um anos mas o seu testemunho de vida permanece. É uma mensagem muito atual para todos. Vou referir-me muito particularmente aos jovens, mas também nós, os menos jovens, temos muito a aprender com a forma como viveu durante as três décadas que por cá andou.

Começo por apresentar um resumo do que foi a sua vida. Abordo, de seguida, alguns pontos do que considero ser a sua mensagem: a fidelidade ao chamamento de Deus e uma vida vivida em coerência com a fé.

I Breve biografia

Bernardo Vaz Lobo Teixeira de Vasconcelos nasceu em 7 de julho de 1902, na Casa do Marvão, S. Romão do Corgo (Celorico de Basto). Faleceu na Foz do Douro em 4 de julho de 1932.

Aos dez anos, em 15 de outubro de 1912, juntamente com dois irmãos mais velhos, deu entrada no Colégio de Lamego. Frequentou-o até março de 1917, altura em que uma grave e

longa doença – uma peritonite de origem tuberculosa – o forçou a interromper os estudos.

Retomou-os em outubro de 1918, mas desta vez como aluno externo do Colégio de S. Pedro, em Coimbra, onde já estudava seu irmão Baltasar.

Aqui, no Colégio de S. Pedro, fez o 7.º ano de Ciências, tendo-se matriculado em outubro de 1919 na Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra, com a intenção de seguir a Escola Naval.

Dissuadido, por motivos de saúde, de enveredar pela Marinha, ficou hesitante quanto ao rumo a dar à vida. Pensou na carreira diplomática. O pai sugeriu-lhe a atividade bancária, para o que, terminado o ano letivo de 1920, deixou Coimbra e em outubro desse mesmo ano principiou no Porto um curso comercial e trabalhou no Banco Espírito Santo.

Escreveu então os primeiros versos e surgiu, nesta altura, o primeiro – e penso que único – namoro¹.

Durante a permanência no Porto entrou na Congregação dos Filhos de Maria e colaborou, com poesias, nas *Flores Espirituais* do Padre José Lourenço, O. P.

Porque se não se dava bem com o mundo das contas, decidiu seguir o Curso de Direito, pelo que, no verão de 1922, voltou a Lamego para fazer os 6.º e 7.º anos de Letras.

Em 31 de outubro de 1922 matriculou-se no primeiro ano da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, que viria a interromper para ingressar na Ordem Beneditina.

¹ *Em memória de Frei Bernardo de Vasconcelos – homenagem de contemporâneos sócios do C.A.D.C. de Coimbra e alunos do Colégio de Lamego no cinquentenário da sua morte e da publicação do seu «Cântico de Amor».* 1982. Pag. 47.

Na Lusa Atenas dedicou-se a uma intensa atividade apostólica e caritativa. Procurava encaminhar para Deus a mocidade estudantil no meio da qual vivia. Prosseguiu a sua atividade no Centro Académico da Democracia Cristã - C.A.D.C., para onde tinha entrado em 14 de março de 1920, e de cuja Direção foi vice-presidente.

Entrou para a Conferência de S. Vicente de Paulo, da Faculdade de Direito, em 21 de fevereiro de 1923, de que viria a ser vice-presidente.

Aproveitava os momentos de recreio para visitar os pobres.

Em 3 de maio de 1923 foi nomeado Secretário da Redação da revista Estudos, do CADC.

Em 11 de maio de 1924 fez no CADC uma das suas conferências mais célebres, sobre o Ideal Cristão. Repetida em Aveiro, foi mais tarde apresentada no I Congresso Eucarístico de Braga em 2 de julho de 1924 com o título «A paz de Cristo na Juventude pela Santíssima Eucaristia»².

Decidido a ingressar na Ordem Beneditina e ser ordenado sacerdote, deixou definitivamente Coimbra em 26 de maio de 1924³.

Em 15 de agosto do mesmo ano disse adeus à Casa do Marvão e à família e no dia 16 chegou ao Priorado de Singeverga, onde fez o postulantedo. Em 11 de setembro partiu para Samos, na Galiza, onde fez o noviciado.

Em 24 deste mesmo mês tomou o hábito beneditino com o nome de Frei Bernardo da Anunciada. Aí professou – a profissão simples – para o mosteiro de S. Bento de Singeverga em 29 de setembro de 1925.

² DIAS, Geraldo J. A. Coelho, OSB, *Diário do Minho*, 24.07.2002.

Em 2012 foi reeditado em Braga, em 7.^a edição, o texto desta conferência.

³ VASCONCELOS, Frei Bernardo de, *Vida de Amor*. Edição Ora&Labora, Mosteiro de Singeverga, 7.^a edição, 2002, pag. 106-107.

Em memória de Frei Bernardo de Vasconcelos, ob. cit., pag. 61.

A profissão solene aconteceu três anos mais tarde, na igreja de S. José da Póvoa de Varzim, em 29 de setembro de 1928.

Iniciou em Samos os estudos em ordem ao sacerdócio, começando pela Filosofia.

Em 24 de setembro de 1926 partiu para Lovaina, na Bélgica, a fim de estudar Teologia na abadia de Mont-César.

Problemas graves de saúde – uma tuberculose óssea conhecida pelo nome de mal de Pott – impediram-no de prosseguir e foi aconselhado a regressar a Portugal, tendo deixado Mont-César em 3 de novembro de 1926.

Em busca da saúde submeteu-se a tratamentos médicos no Porto, (no Hospital da Lapa foi operado duas vezes); à procura do iodo e dos banhos de sol passou temporadas na Póvoa de Varzim, em Azurara e na Foz do Douro; esteve com os monges beneditinos na Falperra (Braga) de outubro de 1927 a janeiro do ano seguinte, e onde regressou algumas vezes; em busca do milagre participou como doente na peregrinação de 13 de maio de 1928 a Fátima, e na do Sameiro, em agosto de 1929⁴.

Mantendo a decisão de ser ordenado sacerdote continuou a estudar Teologia, vivendo então no n.º 200 da Rua do Príncipe, no Porto.

Em 6 de janeiro de 1928 recebeu no Seminário de S. Barnabé, em Braga, a prima tonsura, a que foi admitido pelo Arcebispo Primaz D. Manuel Vieira de Matos. Recebeu ainda de D. António Augusto de Castro Meireles, bispo do Porto, na capela do Paço Episcopal da Torre da Marca, em 5 e 6 de fevereiro de 1929, as ao tempo chamadas ordens menores⁵.

⁴ *Vida de Amor*, ob. cit., pag. 167-168.

⁵ *Vida de Amor*, ob. cit., pag. 235

Entretanto a doença agravou-se.

Sofreu horrivelmente durante seis anos, entre 1926 e 1932. O Dr. Abel Pacheco, que o tratou no hospital da Lapa, no Porto, chegou a afirmar que o Bernardo não tinha órgão nenhum que trabalhasse normalmente, a não ser a cabeça.

Veio a falecer na Foz do Douro (Rua de S. Bartolomeu, 29), quando faltavam três dias para completar 30 anos.

Está sepultado na igreja de S. Romão do Corgo, onde tinha sido batizado, ao pé do altar de Nossa Senhora das Dores.

Em 4 de julho de 1983 foi aberto o processo canónico em ordem à sua beatificação e canonização. Concluído na biblioteca da Casa Arquiepiscopal de Braga em 9 de outubro de 1987, segue os seus trâmites na Congregação para a Causa dos Santos, em Roma, onde D. Gabriel de Sousa o entregou em 25 de março de 2005⁶. O Papa Francisco declarou-o Venerável em 08 de junho de 2016.

Principais livros

Bernardo de Vasconcelos é autor de dois livros de poesia – «Cântico de Amor» e «Poesias Dispersas» – e de diversos livros de temática religiosa: «A Missa e a Vida Interior», «As nossas festas», «Do Ideal Cristão», «Vida de Amor», «Vida de S. Bento contada às almas simples por um Filho seu». Colaborou sobretudo nas revistas «Estudos» e «Opus Dei».

⁶ Diário do Minho, de 01.07.1982, de 08.10.1987, de 14.04.2011; FERREIRA, Jorge, Presença de Singeverga, janeiro-abril de 2004. Boletim Frei Bernardo, n.º 65, abril de 2004; n.º 70, julho de 2006; n.º77, julho de 2009.

II A MENSAGEM QUE NOS DEIXOU

Procura de sentido para a vida

Uma das preocupações que dominou a juventude de Bernardo de Vasconcelos foi a busca de sentido para a vida; a descoberta da sua vocação. Vocação ao estado de vida, vocação para a profissão a exercer, vocação à santidade.

Procurou seguir a Marinha, como disse. Pensou na carreira diplomática. Experimentou a carreira comercial. Ensaiou Direito. Como a maioria dos jovens, alimentou o projeto de constituir família e namorou. Decidiu, depois, abraçar o sacerdócio, e, com ele, o celibato por amor do Reino de Deus, ingressando na Ordem Beneditina.

É esta uma das facetas da sua vida que pode ser uma mensagem de muita atualidade para os jovens: descobrir e seguir a própria vocação. E um dos vários caminhos que se lhes abrem e por que poderão optar, embora muitas vezes lhes não falem disso, é também o do sacerdócio e da vida de consagração.

Em carta a Francisco António Chichorro Marcão, datada de 16 de agosto de 1920, aos 18 anos, escreve: «Tenho sido, como sabes e já to tenho dito, um eterno sonhador». (...)

«De hoje em diante estou disposto a dominar-me e a fazer-me a pouco e pouco *um homem*. Como somos dois amigos a valer (não é verdade?) vou-te fazer mais uma vez uma confissão do que tenciono *fazer um dia*.

De há muito tempo já que um sonho de ventura me domina, sonho um lar, e estou hoje plenamente convencido que «Essa» que é a rainha desse sonho, a imagem que sempre me segue e que preside, com Deus, a todos os meus atos, se me apoderou por completo do meu coração, hoje sinceramente apaixonado.

Sabes o meu temperamento um tanto romanesco e nestas coisas um tanto leviano. Pois bem: apesar de todos esses devaneios, de

todos esses imensos ‘Flirts’ que eu por aí tenho alimentado, muitos a título de experiência, essa imagem de Santa sempre viva, sempre a dominar-me – como que a repreender-me por esses instantes de visível desprezo – vai-me perseguindo sempre... sempre. Que quer isto dizer, numa imaginação tão romanésca, num coração que como qualquer enferrujado barómetro costuma marcar *Variável-Variável?*... Sou novo, bem sei; no entanto tenho tenção, como já to disse aqui, de me fazer *um homem* em toda a aceção da palavra. Bons elementos tenho à mão, e Deus há de ajudar-me.

Querer é poder.

De tudo isto, meu caro Marcão, meu inolvidável amigo, podes concluir que só uma rapariga com todos os predicados e com uma educação em vias de ser das mais completas poderá assim – sendo nova e desconhecendo este meu sentimento – poderá assim, dizia eu, apoderar-se por completo dum coração que tanto se dedicava a esta hoje, como amanhã a outra e outra⁷.

«Amei alguém um dia. E foi a vez primeira

Que eu dum sonho vivi, tão ténue como a brisa –

Um sonho que, ao nascer, logo se diviniza

No qual eu, cego, pus a minha vida inteira», lê-se em «Poesias Dispersas»⁸.

A propósito, escreve D. Gabriel de Sousa, que com ele fez o noviciado em Samos:

«Julgando ter encontrado uma alma feminina irmã da sua, entrega-se ardentemente, com uma sinceridade cândida e profunda, a esse amor, puro como o Luar, que outro nome não encontrou para dar à bem-amada. Enleia-se no doce enlevo, e durante mais

⁷ Em memória de Frei Bernardo de Vasconcelos, ob. cit. , pag. 80-81. Relativamente ao namoro pode ler-se também a *Vida de Amor*, pag. 82.

⁸ VASCONCELOS, D. Bernardo, *Poesias Dispersas*. Pax – Livraria Litúrgica Editora. Braga, 1935, pag. 97.

dum ano sonha com o ideal da noiva-irmã. Mas, como todos os poetas, não foi compreendido no seu idealismo; e quando de tal se apercebeu, não creio caísse das nuvens; mas cortou cerce»⁹.

Convencido, depois, de que o seu caminho era o serviço do Senhor, pôs termo ao namoro, orientando a vida rumo ao sacerdócio.

«- Eu busco noutros céus, inda mais belos,

A meta a que votam meus anelos

Na adoração extática de Deus», escreveu no mesmo livro¹⁰.

Em 7 de dezembro de 1923 afirmou: «desde que me abandonei à ideia de ir para sacerdote, nunca mais senti dúvidas na minha vocação»¹¹.

A doença, como ficou dito, não lhe permitiria concretizar este sonho.

Em 10 de novembro deste ano de 1923 teve com o doutor Manuel Gonçalves Cerejeira a primeira conversa sobre a sua vocação. E em 10 de fevereiro de 1924 recebeu das mãos do Dr. Pereira dos Reis, como delegado do Dom Prior de Cucujães, na Sé Velha de Coimbra, o escapulário de Oblato noviço da Ordem de S. Bento (OSB)¹².

Quando decidiu fazer-se monge, travou amizade com D. António Coelho, o protagonista do Movimento Litúrgico em Portugal, que muito veio a influir, também, na sua vida.

Rumo à santidade

Independentemente da profissão que cada um exerça ou venha a exercer, e do estado de vida que cada um projete ou siga, há

⁹ *Em memória de Frei Bernardo de Vasconcelos*, ob. cit., pag. 57.

¹⁰ *Poesias Dispersas*, ob. cit., pag. 122.

¹¹ *Vida de Amor*, ob. cit., pag. 81.

¹² *Idem*, pag. 17, 18, 90.

uma outra vocação a que todos são chamados, como décadas mais tarde viria a acentuar o Vaticano II: a vocação à santidade¹³.

Bernardo de Vasconcelos abraçou-a, decididamente, aceitando a vontade de Deus, vivendo cristamente o sofrimento, seguindo o caminho da renúncia.

«Agora importa que eu me santifique e seja uma hóstia de louvor muito agradável a Deus, para expiar os meus pecados e os pecados do mundo e para louvar e bendizer a Deus até à morte, numa heróica perseverança que seja penhor duma morte que seja o renascer, um voltar ao seio de Deus, para sempre.

Sim, importa sobretudo que eu seja santo. Letras, honras, estima do mundo, mesmo como sacerdote, que importa?!... O que importa antes de mais é a santificação, é viver uma vida sem mancha», escreve em 18 de dezembro de 1924¹⁴.

Durante um retiro feito de 13 a 20 de setembro de 1925 escreve no *Diário Espiritual*: «Deus não quer que me santifique como eu quero, mas como Ele quer, onde eu quero, mas onde Ele quer»

Santificar-me onde Deus quer e como Deus quer que me santifique»¹⁵.

«Não sei o que Ele quer de mim. Sei que me quer aqui agora, nesta pequena cruz que me deu e que procuro amar porque d'Ele me veio», escreve em 12 de março de 1927¹⁶.

¹³ VATICANO II, constituição dogmática *Lumen Gentium* (A Santa Igreja), capítulo V.

¹⁴ *Vida de Amor*, ob. cit., pag. 122.

¹⁵ *Idem*, 127.

¹⁶ *Idem*, pag.163.

«Estou nas mãos do Senhor, pronto a cumprir a Sua SS.ma Vontade, seja ela qual for», afirma em 3 de outubro de 1927, dias antes de ir para a Falperra¹⁷.

E procurou santificar-se aceitando e vivendo, como cristão, o sofrimento. Descobrimo o seu sentido redentor, convicto de que «nenhum brasão se sobrepõe à Cruz!...»¹⁸, que se esforçou por saber levar.

«Se a gente leva a cruz de rastos, não só é ferido por ela, pois nos envencilha e tolhe o andar, mas ainda arrasta consigo todos os detritos que encontra no caminho. No fim de contas é dum peso insuportável. Se, porém, a levamos em nossos braços, aos abraços, então já ela vai equilibrada, já o esforço é muito menor, já caminhamos mais resolutamente. A cruz é assim mais leveirinha», escreve em 23 de maio de 1930¹⁹.

Não tendo ido à procura do sofrimento, soube viver com ele:

«Se há alguma coisa para que tenha jeito – e mesmo para isso não é muito – é... para sofrer. É aqui que o Senhor me quer, não tenho ilusão», confessa em 1929²⁰.

«Nunca em minha vida pedi sofrimentos físicos e tenho-os tido bem prolongados. Altos desígnios de Deus!», exclama em 30 de julho 1931²¹.

«Nunca Lhe pedi sofrimentos físicos. Foi sempre ao que tive mais horror. Não Lhe pedi nada em especial. Só me ofereci, – como todos – na profissão. E Ele tomou-me à parte. «Este é para sofrer»..., declara em 5 de dezembro de 1931²².

¹⁷ *Idem*, pag. 164.

¹⁸ VASCONCELOS, Frei Bernardo de, *Cântico de amor*. Edições Ora&Labora, Mosteiro de Singeverga, 3.^a edição, 1982, pag. 37.

¹⁹ *Vida de amor*, ob. cit., pag. 173.

²⁰ *Idem*, pag. 184.

²¹ *Idem*, pag. 185.

²² *Idem*, pag. 190.

«Será o que Deus nosso Senhor quiser. Quer ele que eu sofra esta doença, que me inibe de me dar a um esforço intelectual um pouco maior? Dá-me assim ocasião de sofrer, de expiar os meus pecados e de provar a minha constância. Bendito seja o seu Santo Nome»²³.

Alma sensível como era, além da própria, sofreu também com a dor dos outros.

«Poeta incompreendido e alma crente,

 Vivo a sofrer a dor de toda a gente
 Como quem para hóstia foi fadado...», escreveu²⁴.

Mas «uma alma bem formada faz do sofrimento uma alegria bem alta, se pensar profundamente no sofrimento dos outros», afirmou também.

«Renuncie um pouco a si, escreve. Procure sentir a dor dos outros para a sofrer em seguida e verá depois que é bem mais consolador para a sua alma de poeta sofrer a dor dos outros que a sua própria dor».

«Eu disse que «deveria passar a interpretar, a sentir, e a sofrer, por fim, a dor dos outros»²⁵.

«A minha alma começou a interpretar, a sentir e a sofrer a dor dos outros»²⁶.

Adotou como lema de vida a renúncia, embora previsse quanto a sua prática lhe iria custar:

²³ *Idem*, pag. 87.

²⁴ *Cântico de amor*, ob. cit., pag. 27.

²⁵ *Vida de amor*, ob. cit., pag. 52.

²⁶ *Idem*, pag. 53.

«A Renúncia é o Caminho... e tão custoso,
Que eu ergo as mãos p'ra Deus, aflito, ansioso,
Num íntimo prenúncio de fraqueza...²⁷»

É que «as palavras de renúncia soam tantas vezes desagradavelmente à nossa pobre natureza!», escreve nas «Notas Íntimas»²⁸.

A importância da renúncia é particularmente sublinhada na conferência sobre o Ideal Cristão.

Cristão consciente e coerente

Outro testemunho que a sua vida nos dá é o de um cristão consciente e coerente, vivendo uma piedade eucarística e mariana.

Bernardo de Vasconcelos procurou viver em plenitude a sua condição de batizado, e é esta uma outra mensagem que nos deixou, e de muita atualidade. Assumiu, sem quaisquer respeitos humanos, a sua condição de cristão e a sua missão de apóstolo, tendo sido um estudante evangelizador de estudantes.

Procurou levar a Religião para a vida e não se esqueceu nunca do cumprimento dos próprios deveres e das suas responsabilidades apostólicas.

«Penso que, sendo um bom católico, devo ser um bom estudante», escreve.

«Importa primeiro que tudo a piedade. Pois como poderá uma alma espalhar luz e irradiar calor, sem que primeiramente se tenha inundado de luz interior e inflamado de amor sobrenatural?!... A verdadeira piedade, sobretudo em nossos dias, não pode esconder-se na penumbra dum oratório particular», afirmou²⁹.

²⁷ *Vida de amor*, ob. cit., pag. 52, 53, 55; *Cântico de amor*, ob. cit., pag. 28.

²⁸ *Vida de amor*, ob. cit., pag. 175.

²⁹ *Vida de amor*, ob. cit., pag. 69 e 72.

Insistia muito na importância da Liturgia para a vida cristã³⁰.

A vivência da Fé levou-o a concluir que a grande revolução a fazer é a da transformação interior da pessoa, como escreveria mais tarde na sua introdução à «Vida de S. Bento contada às almas simples»: «temos para nós que as grandes reformas, nas almas como na sociedade, se hão de fazer do interior para o exterior, que só assim serão profundas, sólidas e duradoiras».

O ambiente em que viveu não era nada favorável à prática cristã nem à atividade apostólica, bem pelo contrário.

Viveu nos anos conturbados que se seguiram à implantação da República, em que estudantes universitários chegaram a ter de ir para a igreja de S. João, a assistir ao mês de Maria, «de moca sob a capa e o mais que se não via», como narra D. Manuel Gonçalves Cerejeira³¹.

Desse clima dá testemunho Dionísia Camões de Mendonça:

«Com a proclamação da República em 1910, desencadeara-se uma perseguição à Igreja. Como consequência imediata, o retraimento de muitos, o assumir posição nitidamente anti-religiosa de outros e, conseqüentemente, desatenção na preparação religiosa da camada infantil e juvenil.

No desacerto daquela época tão cristamente perturbada, só por exceção se via nas missas aproximar-se da Sagrada Comunhão algum homem e mesmo as mulheres que comungavam eram em número limitadíssimo.

³⁰ NEVES, Mons. Moreira das, *O Monge que morreu cantando*. Edição da Província Portuguesa da Ordem Beneditina, março de 2010, pag. 9.

³¹ CEREJEIRA, D. Manuel Gonçalves, *Vinte anos de Coimbra*. 2.^a edição, Lisboa, 1943, pag. 221.

Por 1920 era frequente encontrar entre os universitários uma ignorância absoluta do significado das práticas religiosas. (...)»³²

Uma grande parte dos estudantes trazia em si o mal do tempo, enquanto outros arrogavam doutrinas, seguindo na esteira de alguns doutrinadores, reagindo contra a situação política e afervorando-se na vida de piedade.

Este era o grupo dos estudantes católicos, normalmente membros do C. A. D. C., constituindo um núcleo cuja ação foi de notável efeito e benéfica repercussão, pois afirmaram, no futuro, através da sua atividade funcional, o espírito cristão que os dominava.³³»

Bernardo de Vasconcelos exerceu a sua atividade apostólica através do testemunho de vida, da palavra falada e da escrita.

Foi um poeta profundamente religioso. Foi um dos nossos grandes poetas místicos. Usou a poesia como forma de expressar o seu amor a Deus e aos homens e de levar os homens a cada vez melhor amarem a Deus.

«Dotado de uma verdadeira vocação poética, escreve também Dionísia Camões de Mendonça, Bernardo de Marvão, nome com que gostava de assinar os seus versos, entusiasmou-se com o obra de Joergensen, o cristão poeta dinamarquês, que profundamente admirava.

Vindo, como Ele, de arraiais distantes, fica a meditar como poderão ser levados a corações diferentes os profundos ideais do cristianismo. E entrevê então a possibilidade de um apostolado profundo, imprimindo à poesia uma orientação espiritualista, não apenas no sentido cristão, mas poesia que, indo beber a inspiração nos sublimes temas religiosos, viesse a ser uma verdadeira apologética.³⁴»

³² *Em memória de Frei Bernardo de Vasconcelos*, ob. cit., pag. 34.

³³ *Idem*, pag. 35.

³⁴ *Idem*, Pag. 32.

O próprio Bernardo escreve:

«Os meus versos humildes, são todos repassados duma crença profunda em Deus, porque eu sou profundamente religioso; a crença é como que parte integrante da minha alma. E no entanto todos eles expressam muita tristeza, por vezes até nostalgia de Deus, esse alto sentimento que raros momentos de inspiração e Fé me levam a atingir. E muitas vezes a minha tristeza é a expressão da tortura de não ser o que devia ser»³⁵.

«Os meus versos são orações», confessa³⁶.

E procurou fazer apostolado pela poesia. «Penso fazer bem às almas com estes versitos que Deus me dá para elas»³⁷.

Bernardo de Vasconcelos expressou, por diversas vezes, quanto admirava poetas seus contemporâneos (com alguns dos quais travou grande amizade), fazendo quanto de si dependia para que regressassem ao convívio com Deus os que considerava dEle se terem afastado.

A vivência da Fé levou-o a aceitar a vontade de Deus, também quando isso obstou à concretização do seu grande sonho: o sacerdócio, como ficou dito a propósito da sua caminhada rumo à santidade. Levou-o a saber viver cristamente o sofrimento, oferecendo-o pela restauração da Ordem Beneditina em Portugal.

Impôs-se um exigente programa de vida cristã, alimentada pela frequência dos sacramentos da Reconciliação e da Eucaristia.

Marcou-o profundamente um retiro de estudantes em que participou no Carnaval de 1923, entre 11 e 15 de fevereiro, no Luso.

³⁵ *Vida de Amor*, ob. cit., pag. 51.

³⁶ *Idem*, pag. 54.

³⁷ *Cântico de Amor*, ob. cit., pag. 8; *Vida de Amor*, ob. cit., pag. 78.

A 13 de fevereiro escrevia no Diário: «vou-me preparar melhor para uma confissão geral, que farei com uma alegria imensa. É a maior graça que Deus me pode conceder, fazendo-a bem feita, como desejo. Amanhã porei aos pés da Santíssima Virgem a intenção, que Ela me inspirou, de entrar na Congregação de Filhos de Maria de Coimbra».

Fez, de facto, uma confissão geral e tomou decisões importantes para a vida: fazer sempre a meditação de manhã e à noite, de joelhos, onde quer que esteja; «subordinar a minha inteligência e o meu coração à Vontade de Deus»³⁸.

«Não tratei, escreve, de vocação, (pois) tinha como assente a vocação para o matrimónio»³⁹.

Em 7 de dezembro de 1923 diz ter passado a confessar-se semanalmente ao P. Manuel Gonçalves Cerejeira⁴⁰.

Viveu uma espiritualidade eucarística e mariana:

«Confio cegamente na graça de Deus, declarou, que todos os dias vou procurar atrair na Sagrada Comunhão»⁴¹.

Foi um dos primeiros entusiastas da Liga Eucarística dos Estudantes, criada no C. A. D. C., «para vivificar a piedade dos sócios»⁴². Na primeira reunião, em 17 de fevereiro de 1924, foi eleito seu presidente.

Sentia que a sua missão era proporcionar aos jovens o retorno à Fé viva da Igreja assente numa vivência autêntica da Eucaristia.

Em 16 de novembro de 1931, já monge, confessou ter passado

³⁸ *Vida de Amor*, ob. cit., pag. 58-60.

³⁹ *Idem*, pag. 60.

⁴⁰ *Idem*, pag. 80.

⁴¹ *Idem*, pag. 74.

⁴² *Idem*, pag. 73.

junto ao Sacrário, na Sé Velha de Coimbra, as melhores horas do ensaiar do voo para o claustro⁴³.

Sempre alimentou uma grande devoção a Nossa Senhora.

Em carta dirigida à mãe, ultrapassada uma crise da adolescência, escrevia:

«Foi Nossa Senhora, por certo, que restituiu a minha alma ao verdadeiro caminho, levando-me a comungar o pão dos fortes».

Ao Dr. Vaz Pinto, seu contemporâneo e confidente de Coimbra, declarava: «Procurei ser sempre um bom filho de Maria; não me esqueças também diante dela».

No retiro que fez no Luso, como ficou dito, decidiu entrar na Congregação de Filhos de Maria de Coimbra. Já antes, quando esteve no Porto, tinha entrado na Congregação dos Filhos de Maria aí sedeada.

Quando, a 24 de setembro de 1924, deu entrada no noviciado, no mosteiro de Samos, pediu, encarecidamente, que ao seu nome de batismo fosse acrescentado o apelido «da Anunciada».

A seu pedido também, a cela onde passou a viver e a meditar durante o tempo de formação monástica teve como padroeira «Maria, Senhora das Mercês»⁴⁴.

Numa outra carta à mãe, depois de uma oração comunitária pela sua saúde feita por todos os irmãos de hábito, no santuário do Sameiro, escreve: «Eu cá estou no meu ninho!... e Nossa Senhora cá anda... Ela está sempre tão pertinho!...»

⁴³ *Vida de Amor*, ob. cit., pag. 73, 74, 80, 109.

⁴⁴ CASTRO, P. Paulino L. de, artigo «Maria ao lado do homem sofrido». *Presença de Singeverga*, janeiro-dezembro 2009, ano XXXII, n.º 82-83, pag. 235 sgs.

Maria foi a última palavra que pronunciou na terra, conforme relato de sua irmã Maria Bárbara, que o acompanhou na doença:

«Chegou a madrugada do dia 4 de julho de 1932. Da boca do Bernardo saíam constantemente jaculatórias, dirigidas a Jesus e à sua Santíssima Mãe. Em determinado momento, já no limite das suas forças, balbuciou a seguinte jaculatória: ‘Amado Jesus, José, e’... Não lhe foi possível pronunciar o resto da jaculatória, seguindo-se um profundo silêncio. O coração havia parado.

Entretanto, momentos depois, o coração retoma o seu ritmo, e Frei Bernardo, entusiasmado e numa manifestação de vigor, como era característica sua, pôde concluir:

‘Maria’.

Serenamente e com o rosto a irradiar felicidade, fechou os olhos, inclinou a cabeça e assim se foi desta vida».

Descobriu a importância da Liturgia, como revelam muitos dos artigos publicados na revista «Opus Dei».

«A sua vida de piedade revelava-se intensa, testemunha Dionísia Camões de Mendonça: a sua atuação no Centro Académico da Democracia Cristã (C. A. D. C.) e nos ‘Estudos’, revista daquela Instituição; as suas preocupações sobre a miséria dos pobres, que visitava pela Conferência de S. Vicente de Paulo; o pesar que sentia pelo indiferentismo religioso manifestado por estes e por aqueles; o fervor com que, no segundo e seu último ano de Coimbra, assistia à Missa e comungava, agora que frequentava a capela dos Grilos, onde celebrava o Doutor Gonçalves Cerejeira, futuro Cardeal Patriarca de Lisboa, eram aspetos salientes da sua vida espiritual.⁴⁵»

⁴⁵ *Em memória de Frei Bernardo de Vasconcelos*, ob. cit., pag. 29.

Amor aos pobres

A vivência do Cristianismo levou-o também à prática da caridade. Amando a Deus, Bernardo de Vasconcelos não deixou de amar devotadamente os homens, dedicando particular carinho aos pobres.

Durante o período em que, como bancário, esteve no Porto, integrou uma Conferência de S. Vicente de Paulo. Fez o mesmo mais tarde, como estudante de Direito em Coimbra.

Na família que aqui lhe destinaram para visitar encontrou uma série de questões difíceis. Havia na casa um filho de 8 anos por batizar; uma pequenita de 21 meses, de que veio a ser padrinho, nem ainda estava registada civilmente; o marido batia constantemente na mulher; as rendas da casa andavam por pagar. O Bernardo procurou resolver todos estes problemas⁴⁶.

«Solicitado muitas vezes pela pobre mãe, que era tuberculosa e cujo marido, se bem que bom alfaiate, tudo gastava mal, porque se embriagava muito, o Bernardo ia a casa deles harmonizar tudo, pois o pobre homem, mesmo naquele estado, respeitava o Bernardo, e tinha em conta os seus conselhos e avisos.

Quantas vezes, com pena da pobre mulher doente, foi tirar do penhorista os cobertores da cama, e os trazia debaixo da capa de estudante, cheio de contentamento, por assim poder minorar o sofrimento da pobrezinha! E a quantas outras pagava, da sua magra bolsa, a renda da casa!», informa a sua irmã Maria Bárbara⁴⁷.

Quando partiu para o mosteiro, Bernardo deixou os códigos e as sebatas aos condiscípulos necessitados e distribuiu roupas e móveis pelos socorridos da sua Conferência Vicentina.

O seu sobretudo foi vendido para o dinheiro ser distribuído em géneros pelos pobres da Conferência.

⁴⁶ *Em memória de Frei Bernardo de Vasconcelos*, ob. cit., pag. 69 sgs.

⁴⁷ *O Bernardo – Lembranças duma Irmã e Enfermeira*, 6.ª edição, 2002, pag. 57. A irmã era a Maria Bárbara.

Em 1931, já monge, recomendava a um amigo: «Faz muito bem em se inscrever nas Conferências de S.Vicente de Paulo, obra das melhores, das mais frutuosas. Recordo com saudade os meus pobrezinhos e ainda aí tenho uma afilhadita, como recordação desses tempos»⁴⁸.

Chegou a idealizar um livro de versos que intitularia «*Livro de amor dos pobrezinhos*»⁴⁹.

E «Bênção dos pobrezinhos» é o título de um dos seus sonetos, escrito no Porto em 1920:

O sol no ocaso em púrpura agoniza,
E reina um silêncio triste e sepulcral
Pelo hemisfério em trevas... Só a brisa
Se faz ouvir além no salgueiral.

Um pastor segue, lento, o seu caminho...
E só, chapéu na mão, lábios em prece,
Vai rezando orações muito baixinho,
Sem já temer a noite que escurece.

Num passo vacilante, num momento,
Ao pé de mim, em grande quebramento,
Um pobre surge – a pena que me faz! –

Dou-lhe uma esmola... e sou agradecido!...
-- Eu confortei-lhe o corpo enrigecido;
Ele, na sua bênção, deu-me Paz!⁵⁰

⁴⁸ *Vida de Amor*, ob. cit., pag. 77.

⁴⁹ *Idem*, pag. 76.

⁵⁰ *Poesias Dispersas*, ob. cit., pag. 49.

Os formadores do Bernardo

Várias pessoas e instituições contribuíram para a formação religiosa de Bernardo de Vasconcelos.

A primeira grande catequese recebeu-a na família. Na Casa do Marvão o oratório familiar não era apenas mais um espaço decorado de maneira diferente.

Prosseguiu essa formação no Colégio de Lamego, para onde foi aos dez anos e onde havia uma rígida disciplina.

Fundado pelo P. António Joaquim Lopes Roseira, em 1859, o Colégio de Lamego era, naqueles tempos da 1.^a República, talvez o único do País que não acatava a Lei de Afonso Costa, a qual proibia o ensino religioso até nas escolas particulares.

Teve sempre capela interna com Santíssimo Sacramento, onde os alunos participavam na Missa Dominical e faziam diariamente as orações da manhã e da noite. À noite rezavam o terço no salão de estudo. Rezavam antes e depois das refeições. Celebravam em maio o Mês de Maria. Aos domingos havia catequese. Para as confissões iam lá, com frequência, dois sacerdotes⁵¹.

Bernardo de Vasconcelos fez aqui a primeira comunhão e aqui recebeu o sacramento da Confirmação.

A terceira grande catequese recebeu-a Bernardo de Vasconcelos em Coimbra, no Centro Académico da Democracia Cristã (C.A.D.C.), para onde entrou em 14 de março de 1920, e em cujas atividades tomou parte muito ativa. Aqui, muito recebeu e muito deu⁵².

O C.A.D.C. foi para ele, e para muitos outros, uma grande escola de vida cristã, num contexto político e social marcado por uma grande instabilidade e uma profunda anticlerização que repudiava toda e qualquer reflexão ou atividade de cariz cristão.

⁵¹ *Em memória de Frei Bernardo de Vasconcelos*, ob. cit., pag. 43, 50-54, 64.

⁵² *Idem*, pag. 68-69; 86.

Era, ao tempo, «no meio de um exacerbado laicismo da Universidade, um núcleo e um cadinho de militância cristã, uma espécie de alfobre intelectual católico para a animação e renovação cultural da sociedade portuguesa, que, desde 1910, vivia como que em letargia laica e republicana»⁵³.

Fundado em 1901 por um grupo de alunos da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, o CADC tinha como objetivo enfrentar o laicismo e a desordem reinantes no seio da sociedade portuguesa, contrapondo com os valores cristãos que começavam a ser postos em causa no nosso País.

Este movimento entrava assim em sintonia com o movimento social católico europeu que, em linhas gerais, tinha também como objetivos democratizar a sociedade, combatendo os regimes que tinham uma perspetiva meramente utilitarista da pessoa humana, e fazer com que a memória viva de uma Europa cristã não se desvanecesse nas brumas da história.

Nele teve uma ação muito importante, quando seu diretor, o bracarense doutor Francisco José de Sousa Gomes, professor de Química Inorgânica, que contribuiu em 1905 para o aparecimento da revista *Estudos Sociais*. Nela, os estudantes católicos assumiram posições avançadas e inovadoras, contribuindo desse modo para uma mais avivada consciência católica e para uma maior divulgação das experiências sociais e políticas que os católicos democratas iam empreendendo um pouco por toda a Europa.

Com a revolução republicana o CADC foi desmantelado.

No verão de 1911 um grupo de estudantes católicos decidiu reagir ao clima de hostilidade contra a Igreja e no ano seguinte lançou um jornal de combate, «*O Imparcial*», dirigido por Manuel Gonçalves Cerejeira. Este mesmo grupo reabriu em 8 de dezembro de 1912 o CADC, dirigido por Manuel Gonçalves Cerejeira

⁵³ DIAS, Geraldo J. A. Coelho, *Diário do Minho*, 24.07.2002.

e António de Oliveira Salazar. Aquele viria a ser Cardeal, patriarca de Lisboa; este, chefe do Governo do País.

«*O Imparcial*» cessou a publicação em 1919 e em 1922 apareceu a nova revista *Estudos do CADC*, de que Bernardo de Vasconcelos foi co-fundador e chefe de redação⁵⁴.

Proposto por José Fernandes Lopes, Bernardo de Vasconcelos foi o sócio n.º 398⁵⁵.

Nesse tempo enraizava no C.A.D.C. o princípio: «as obras sem fé são impossíveis». Havia reuniões mensais de piedade. A preocupação máxima era «a vida de piedade... católico a viver a vida de católico».

Sobre a influência que nele exerceu o C.A.D.C., escreveu, em carta arquivada nos «Estudos»:

«Tinha eu saído há pouco da apartada região das sombras da morte, com os olhos ainda mal habituados a essa luz incriada e divina, quando o CADC se me apresentou como a encarnação de um ideal vagamente sonhado, em horas em que eu julgava impor-se uma reação, que devia ser então mais contra mim mesmo do que contra a dissolução do meio... Uma vez que se desvaneceram, com os últimos preconceitos, os sonhos duma vaga revolução nova, comecei a dar-me de todo coração a essa obra admirável. E à medida que ia tomando parte mais ativa e penetrando mais decididamente no seu íntimo, ia reconhecendo, duma parte, que a verdadeira revolução devia operar-se de dentro para fora; e, doutra

⁵⁴ PINTO, Frei Pedro Miguel F, Boletim *Frei Bernardo*, n.º 76. abril 2009. Sobre a atividade do bracarense Doutor Sousa Gomes, pode ver-se o livro de Manuel Braga da Cruz, *Em memória de Francisco José de Sousa Gomes Homem de Ciência e de Igreja 1860-1911*. Braga: Cruz Editores, 2011. A propósito do que foi o C.A.D.C. naqueles conturbados tempos não deixa de ser útil a leitura do capítulo VIII de *Vinte anos de Coimbra*, de Manuel Gonçalves Cerejeira.

⁵⁵ *Em memória de Frei Bernardo de Vasconcelos*, ob. cit., pag. 68-69.

parte, que esta obra podia realizar muito melhor os meus ideais de fraternidade, de amor, de compaixão, de paz e de bondade. O CADC apareceu então aos olhos da minha alma como uma revolução em marcha»⁵⁶.

Igualmente em Coimbra, exerceram grande influência na formação religiosa de Bernardo de Vasconcelos sacerdotes como Manuel Gonçalves Cerejeira, então professor catedrático da Faculdade de Letras da Universidade; Cónego Lopes de Melo, pároco da Sé Velha e assistente eclesiástico do C.A.D.C.; Monsenhor José Manuel Pereira dos Reis, que foi Reitor do Seminário dos Olivais e faleceu monge beneditino; D. António Coelho, monge beneditino protagonista do Movimento Litúrgico em Portugal.

Conclusão

A vida de Bernardo de Vasconcelos – e aqui resumo a atualidade da sua mensagem – lembra a importância de famílias autenticamente cristãs, onde os pais se assumem como primeiros e principais educadores.

Lembra a importância de colégios católicos que se não limitem a ensinar e a preparar para exames mas se preocupem também com a formação cristã de alunos, professores e funcionários.

Lembra aos católicos que lecionam nas universidades o dever de, além de professores conscientes e competentes, exercerem também a sua atividade apostólica.

Lembra a importância da Pastoral Universitária com que colaborem todos os cristãos que trabalham nos estabelecimentos de ensino superior. Pastoral Universitária que procure que cada jovem descubra e siga o seu caminho. Que procure que os jovens adotem um estilo evangélico de vida e um programa de vida cristã que inclua a oração, a reflexão, a frequência dos sacramentos – também

⁵⁶ SILVA, D. Manuel Maria Ferreira da, *Modelo de Jovens*, 3.^a edição, Braga 2012, pag. 12.

o da Reconciliação - a direção espiritual. Que ajude os jovens a não terem vergonha de se assumirem como cristãos e a tomarem consciência do dever de serem evangelizadores de outros jovens sobretudo através do testemunho de vida, propondo mas não impondo, sempre no respeito pelas opções que cada um fizer. Pastoral Universitária que auxilie os jovens cristãos a tomarem consciência de que Fé e Caridade se encontram unidas, tendo cada um o dever de contribuir para minorar o sofrimento dos outros e construir um mundo melhor.

2.

Igreja Diocesana

1. Dos nossos Pastores

Pão repartido por amor

Homilia proferida por Dom José Cordeiro na Solenidade do Corpo e Sangue de Cristo, na Sé, em 08 de junho.

1. Celebrar, peregrinar e adorar

Antes de mais, estamos à volta do Altar, que é Jesus Cristo, para celebrar o que Ele mandou fazer em sua memória – a Eucaristia. Depois faremos a procissão e de seguida a adoração.

Sim, «Adorar o Deus de Jesus Cristo, que se fez pão repartido por amor, é o remédio mais válido e radical contra as idolatrias de ontem e de hoje. Ajoelhar-se diante da Eucaristia é profissão de liberdade: quem se inclina a Jesus não pode e não deve prostrar-se diante de nenhum poder terreno, mesmo que seja forte. Nós cristãos (...) prostramo-nos diante de um Deus que foi o primeiro a inclinar-se diante do homem, como Bom samaritano, para o socorrer e dar a vida, e ajoelhou-se diante de nós para lavar os nossos pés sujos» (Bento XVI).

Ao apresentarmos o pão e o vinho sobre o altar, dizemos: «fruto da terra e do trabalho do homem». Com efeito, no pão e no vinho continuam as palavras de Jesus: «a minha carne é verdadeira comida, o meu sangue é verdadeira bebida».

2. “Comunhão primeira”

Este ano convidamos as crianças da primeira comunhão a participar na procissão. Sei que vós estais atentos ao que é importante, garanto-vos: é muito importante voltar a nossa atenção para a Eucaristia! Em primeiro lugar é importante para as meninas e para os meninos que neste ano receberam e vão receber Jesus na Eucaristia pela primeira vez, mas é importante para todos nós, crianças, adolescentes, jovens, adultos e mais velhos que precisamos de cultivar uma profunda amizade com Jesus para que Ele se torne fonte de tudo o que pode haver de mais belo em nós.

Nós estamos atentos a Jesus Cristo na Eucaristia, participando nela, onde escutamos a sua Palavra e onde Ele transforma os dons do pão e do vinho no seu próprio Corpo e Sangue, que nós comungamos! Jesus quer que nos alimentemos d’Ele! E com que amor Ele se oferece a nós!

Mas depois da celebração podemos também dialogar e conviver com Jesus na visita e na adoração à sua Presença. Sim, Ele está presente, Ele é Presente! Aliás, o pastorinho de Fátima, S. Francisco Marto, chamava à Eucaristia o “Jesus escondido” porque ele bem sabia que Jesus estava ali, realmente presente, Pessoa viva que nos ama, ainda que os nossos olhos materiais apenas percebam o sinal do pão. Mas também sabemos que «o essencial é invisível aos olhos» (Saint-Exupéry)! E foi nas muitas horas que passou junto da Eucaristia que este menino cresceu em santidade, se tornou modelo para nós, porque a Eucaristia é fonte de vida, fonte de tudo o que podemos ter de bom! E não é só para esta vida na terra. Ele é fonte de vida eterna!

A Eucaristia é fonte porque é Jesus vivo e Ressuscitado e com Ele nós aprendemos como amar as outras pessoas, a darmos-lhes da nossa própria vida, nos gestos e palavras de ajuda e de carinho, a perdóá-las quando nos ofendem! Com Jesus aprendemos o serviço que faz os outros felizes: a Eucaristia é fonte de caridade! Em Jesus, encontramos sempre a misericórdia que nos perdoa, quando fazemos o mal e a força para recomeçar a tornarmos o mundo mais belo

e a fazer o bem, bem feito! A Eucaristia é fonte de uma alegria que nos transforma em bondade e beleza!

Um salmo diz: «Da boca das crianças e meninos de peito, construístes um louvor» (Sl 8,3) Também Jesus parece gostar do louvor dos mais pequenos, de cada um de vós, pois os Evangelhos contam-nos que Ele exulta de alegria quando as crianças d’Ele se aproximam. Se Jesus gosta que nos aproximemos d’Ele, convém perceber quais serão as características deste louvor que o salmista diz que é perfeito! Como podemos definir o louvor?! Será um elogio? Será uma palavra simpática? É muito mais que isso, é uma exultação do coração. É o maravilhar-se. E eu bem sei como cada um de vós é bom a maravilhar-se. É um misto de curiosidade e de sonho de crescer, junto com uma generosidade disponível. Estou certo de que, quando cada um de vós descobrir a Eucaristia, deixará soltar essa exultação do coração!

O Papa Francisco recorda: «A liturgia não é “o campo self-service”, mas a epifania da comunhão eclesial. Por isso, nas orações e nos gestos ressoa o “nós” e não o “eu”; a comunidade real, não o sujeito ideal». A celebração litúrgica liberta-nos do nosso individualismo e educa-nos a estar juntos, a partilhar, a rezar juntos. O individualismo sufoca o sentido da comunidade.

“Cristo vive e quer-te vivo!” Também eu quero muito que as crianças, os adolescentes, os jovens, os adultos e os mais velhos da Arquidiocese de Braga, descubram que uma verdadeira vida precisa de ter Jesus como fonte. Só assim podemos ter uma Arquidiocese cheia de Vida.

3. V Congresso Eucarístico Nacional – Braga 2024

De 31 de maio a 2 de junho de 2024 iremos comemorar o centenário do primeiro Congresso eucarístico nacional realizado aqui na cidade de Braga. Até agora, celebraram-se 4 congressos eucarísticos nacionais: 3 em Braga (2 a 6 de julho de 1924 – A paz de Cristo em Portugal pelo reinado do Coração Eucarístico de Jesus; 7 a 13 de junho de 1974 “50 anos – a Eucaristia fonte

de vida”; 3 a 6 de junho de 1999 “75 anos – Jesus Cristo, único Salvador do mundo, Pão para a vida nova”) e um em Fátima (10 a 12 de junho de 2016 – Viver a Eucaristia, fonte de misericórdia).

No domingo passado, ao peregrinarmos juntos com a Mãe da Igreja, demo-nos conta que o encerramento do VCEN’24, coincidirá com a peregrinação anual àquele monte com a Mulher eucarística, Senhora do Sameiro.

Em Braga, no primeiro Congresso Eucarístico Nacional, de 2 a 6 de julho de 1924, cruzaram-se muitas vidas de santidade, cujos processos de canonização estão em curso: Beata Alexandrina Costa; Frei Bernardo de Vasconcelos, OSB; Padre Abílio Correia; Alzira Sobrinho (Irmã São João, SFRJS); D. Manuel Mendes da Conceição Santos e D. João de Oliveira Matos.

Podemos mencionar alguns bracarenses santos e beatos: os santos arcebispos: Pedro, Martinho, Frutuoso, Torcato, Geraldo e Bartolomeu; os beatos: Brás Ribeiro, João Fernandes, Inácio de Azevedo, Mário Félix e Miguel de Carvalho; e ainda: Frei João d’Ascensão, o fradinho do Carmo e D. António Barroso.

Estes homens e mulheres não tiveram medo da profundidade eucarística, como no-lo recorda o Dicastério da Comunicação da Santa Sé: «Não se pode compartilhar uma refeição através de uma tela. Todos os nossos sentidos participam, quando compartilhamos uma refeição: paladar e olfato, olhares que contemplam o rosto dos comensais, ouvindo as conversas à mesa. Compartilhar uma refeição à mesa é nossa primeira educação sobre a atenção aos outros, uma maneira de promover relacionamentos entre membros da família, vizinhos, amigos e colegas. Do mesmo modo, no altar participamos com a pessoa inteira: mente, espírito e corpo estão envolvidos. A liturgia é uma experiência sensorial; entramos no mistério eucarístico através das portas dos sentidos, que são despertados e alimentados na sua necessidade de beleza, significado, harmonia, visão, interação e emoção. Acima de tudo, a Eucaristia não é algo a que podemos simplesmente “assistir”; é algo que realmente nos nutre».

A Eucaristia, dom da caridade e mistério de vida eterna santifica a Igreja, ou melhor, “a Eucaristia faz a Igreja e a Igreja faz a Eucaristia”. O coração pulsante da missão é a oração pessoal e comunitária, sobretudo a Liturgia da Igreja. O coração da oração é a Eucaristia, o sacramento dos sacramentos.

Disponibilidade para servir

Dom Nuno Almeida, eleito Bispo Diocesano de Bragança-Miranda mas ao tempo ainda Bispo Auxiliar de Braga, presidiu no Santuário de Nossa Senhora de Fátima às celebrações de 12/13 de junho. Publicamos a homília proferida na noite do dia 12.

Queridos irmãos, queridas irmãs:

1. Quem encontramos no centro desta narração transformadora (João 2, 1-11), nas bodas de Caná: da água em vinho novo, da angústia em esperança renovada, da tristeza da solidão na alegria da comunhão, da dor e do sofrimento em amor e paz? Surpreendentemente, no coração desta bela cena bíblica, está uma presença feminina, materna, discreta e atenta: a de Maria, a Mãe de Jesus. “A mãe de Jesus estava lá” (Jo 2,1)! Ela é Mãe e causa da alegria. Ela é a Mulher, a figura maior do novo povo de Deus. Ela é “a amiga sempre solícita, para que não falte o vinho [da alegria] na nossa vida” (EG 286).

2. E que diz Maria, em Caná, aos serventes? “Fazei tudo o que Ele vos disser” (Jo 2,5).

É assim que Maria nos ensina a rezar: colocarmo-nos à escuta, sem querermos afirmar diante de Deus a nossa vontade e os nossos desejos, por mais importantes que sejam, por mais razoáveis que

nos possam parecer. Devemos sim levar os nossos anseios, necessidades e pedidos até à Sua presença e deixar que Ele decida o que tenciona fazer. Deus quer sempre o melhor para nós.

“Fazei tudo o que Ele vos disser”. Com estas palavras, Maria não está a demitir-se. Pelo contrário, Maria, colocada entre o Filho de Deus e os filhos dos homens, mostra-Se inteiramente disponível para obedecer, está pronta para amar e servir. Nesta recomendação aos serventes “Fazei tudo o que Ele vos disser”, Maria envolve-nos, também a nós, no seu próprio sim, quando Ela mesma dissera ao Senhor: “Faça-se em Mim, segundo a tua Palavra” (Lc 1, 38).

3. Imitemos Maria na sua total disponibilidade para pôr em prática a Palavra de Deus. Significa, de facto, servir. Esta disponibilidade para servir é a condição que torna possível ao Senhor transformar a nossa vida e humanizar o nosso mundo, a partir do nosso pequeno contributo, da nossa vida, do nosso grupo, da nossa casa, da nossa família. Urge, em tempos em que predominam tentações para o individualismo e comodismo, promover uma cultura do serviço! E por onde começa esta cultura do serviço, que tudo pode enformar, reformar e transformar? Começa sempre pelo “faça-se”. Foi assim no princípio da Criação, quando Deus disse: “Faça-se a luz e a luz fez-se” (Gn 1,3). Foi assim quando Maria disse “Faça-se” (Lc 1,38), “e o Verbo fez-Se Carne” (Jo 1,13)! Foi assim com Jesus, ao entrar neste mundo (Heb 10,7; Sl 40,7-9) e ao partir para o Pai: “Eu venho, ó Deus, para fazer a Tua vontade” (Lc 22,42). É e será sempre assim, quando vivermos o que rezamos no Pai-Nosso: “Seja feita a Vossa vontade” (Mt 6,10).

4. Permanecemos especialmente unidos ao Papa Francisco – rezando pelas suas intenções e pela sua saúde – e unidos aos jovens de todo o mundo, na preparação da grande Jornada Mundial da Juventude que a passos largos se aproxima. O coração de Maria está bem no centro deste acontecimento mundial. “Maria levantou-se e partiu apressadamente” (Lc 1, 39) – palavra bíblica escolhida pelo Papa para lema desta Jornada.

Convidamos os jovens a imitar Maria, a “levantar-se e a partir”, não adiando a decisão de participar na Jornada Mundial da Juventude e a fazer a sua inscrição os mais depressa possível!

Para prepararmos bem este acontecimento, é preciso aprendermos de Maria – que se “levanta e parte”, decididamente, para servir Isabel – a pôr em prática um amor solícito, concreto, cheio de audácia e projetado para o dom de nós mesmos. Uma família, uma paróquia, uma comunidade, um movimento ou a Igreja no seu todo inspirada por estas qualidades marianas será sempre uma Igreja em saída, que ultrapassa os seus limites e confins, para fazer transbordar em abundância a graça recebida! Se nos deixarmos contagiar pelo exemplo de Maria, viveremos concretamente aquela caridade, que nos impele a amar Deus acima de tudo e antes de nós mesmos, a amar as pessoas com quem partilhamos a vida diária, a começar pelas pessoas da nossa casa! É um amor que se torna serviço e dedicação, sobretudo pelos mais frágeis, mais vulneráveis e mais pobres, e que transforma os nossos rostos e nos enche de alegria. Um amor que diz sempre ao outro: “Que queres, o que precisas que eu faça por ti”?

5. Queridos irmãos e irmãs, especialmente vós, os mais novos, vós, queridos jovens, tende a coragem de perguntar a Deus: Senhor, que quereis que eu faça? Deixai que o Senhor vos fale ao coração e fazei tudo o que Ele vos disser, como nos pede hoje Maria. E vereis a vossa vida transformar-se e encher-se de alegria, como naquele terceiro dia, nas bodas de Caná, a anunciar já a hora gloriosa da manhã de Páscoa!

Enfrentar juntos as provações

Homilia proferida por Dom Nuno Almeida em Fátima, na missa solene da peregrinação de 13 de junho.

1. No evangelho, há pouco proclamado, escutámos:” Teu pai e eu andávamos aflitos à tua procura” (Lc 2, 48) e “não compreenderam as palavras que lhes disse” (Lc 2, 50).

A Família de Nazaré teve de enfrentar muitas dificuldades e provações.

Mas qual é a família que, mais cedo ou mais tarde, não tem de enfrentar desgostos e sofrimentos? Uma doença, dificuldades económicas, uma dívida, uma injustiça, algum rancor, uma desgraça, um fracasso na educação dos filhos, algum desgaste nos relacionamentos. Como é que Maria, José e Jesus enfrentaram as adversidades e as provações?

2. No Evangelho, vemo-los atuar sempre unidos: “Toma o Menino e Sua mãe”, e José “tomou o Menino e Sua mãe”. Estavam juntos no nascimento, no exílio, na casa de Nazaré. É assim que se enfrentam as provas da vida: em unidade, em comunhão. Sozinhos surge a angústia. Em conjunto, ajudamo-nos, encorajamo-nos uns aos outros, reencontra-se a confiança. E, acima de tudo, sentiam e experimentavam que Deus estava com eles, deixando-se guiar por Ele. O anjo do Senhor falava e encontrava Maria e José em atitude de escuta, prontos a obedecer à sua palavra, a fazer a vontade de Deus.

Era assim a fé de Maria e de José, esta pode ser também a nossa fé, que faz de cada uma das nossas famílias uma casa confiada nas mãos de Deus, pronta para atuar o grande desígnio que Jesus tem sobre ela.

3. Todos nós crescemos numa família, dentro de vínculos de acolhimento que nos fazem crescer e responder à vida e a Deus. Todos nós nos tornamos aquilo que recebemos. O mistério de Nazaré é o conjunto de todos estes vínculos: a família e a religiosidade, as nossas raízes e o nosso povo, a vida diária e os sonhos para o porvir. A aventura da vida humana começa a partir daquilo que recebemos: a vida, a casa, o afeto, a língua e a fé. A nossa humanidade é forjada por uma família, com as suas riquezas e as suas pobrezaas.

Há hoje a tentativa de basear o casamento e a vida familiar somente no amor individualista e romântico. Temos consciência de que só o amor fiel, indissolúvel, fruto de decisão livre e que se torna num amor fecundo pode ser fundamento seguro do matrimónio e, conseqüentemente, da família: aquele amor que Jesus, com gestos e palavras, ensina a pôr em prática.

Mas como é e como deve ser o amor conjugal, que une o homem e a mulher e de dois faz um só e que dá sabor e sentido à vida familiar de cada dia? O Papa Francisco, na Exortação Apostólica pós-sinodal “Alegria do Amor” (19.03.2016) apresentou o amor conjugal e familiar a partir do famoso hino de São Paulo na primeira Carta aos Coríntios (1 Cor 13, 4-7): “O amor é paciente, o amor é prestável, não é invejoso, não é arrogante nem orgulhoso, nada faz de inconveniente, não procura o seu próprio interesse, não se irrita nem guarda ressentimento. Não se alegra com a injustiça, mas rejubila com a verdade. Tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.”

É esta arte cristã de amar que transforma a fé e o cristianismo, de um facto simplesmente devoto, quando não teórico, a que tantas vezes o reduzimos, em aventura quotidiana, transparente, libertadora, feliz e alegre, também e, sobretudo, na vida familiar!

4. Animada e sustentada pelo mandamento sempre novo do amor, a família cristã sabe acolher, proteger e cuidar da vida humana desde o primeiro instante até à morte natural.

Ela não gera apenas a vida física, mas abre à promessa e à alegria.

A família segundo o Papa Francisco, na Alegria do Amor, é uma realidade artesanal, que tem de ser tecida diariamente com palavras e gestos de amor. Implica sempre “levantarmo-nos e partir em direção ao outro”, como Maria na Visitação: Tema e lema da Jornada Mundial da Juventude e deste ano pastoral no Santuário de Fátima: “Maria levantou-se e partiu apressadamente”.

O levantar-se de Maria e pôr-se a caminho é a definição daquilo que é a vida. Deixamos de ter vida se não nos levantarmos e pusermos a caminho constantemente, independentemente de sermos corredores de alta competição ou de estarmos fisicamente limitados pelas mais diversas razões. A vida é um contínuo levantar-se e pôr-se a caminho.

O levantar-se de Maria é um convite a transformar solidões egocêntricas em gestos de comunhão. Seja na disponibilidade ao plano de Deus seja ajuda a Isabel, Maria manifesta claramente que tem consciência de viver em comunidade. Ela sabe-se dependente de Deus, particularmente reconhece que o plano que aceitara, vinha de Deus.

À luz da Palavra de Deus, faz-nos bem observar como é a nossa morada, ou o nosso lar e considerar o estilo do nosso habitar, as escolhas que ali fizemos, os sonhos que cultivamos, os sofrimentos que vivemos, as lutas que enfrentamos e as esperanças que alimentamos.

Meditemos por breves instantes: A nossa família é lugar que recebe e gera a vida em plenitude, nas várias dimensões humanas e cristãs?

Que escolhas fazemos para que a nossa família seja espaço onde crescer em plenitude e graça de Deus?

Que tipo de vínculos familiares, afetivos e religiosos nos alimentam como casal e como filhos?

Jesus,
guia a nossa família
pelo caminho severo da vida,
sugere os passos,
reúne os corações no silêncio
e na contemplação,
atentos e dóceis aos Teus sinais.
Dá-nos unidade e concórdia
para caminhar juntos
e partilhar alegrias e dores
em solidariedade fraterna
e no amor.
Molda a nossa
e todas as famílias sobre a terra
segundo o modelo da que Te foi dada,
em Nazaré,
simples e verdadeira,
e que ninguém fique sozinho
e sem amor. Ámen!

S. João Baptista provoca inquietação

S. João Baptista provoca a inquietação de não ficar acomodado ao que somos, afirmou Dom José Cordeiro na homilia da Missa de S. João Batista, no exterior da capela do Parque da Ponte, em 24 de junho.

O Prelado manifestou alegria e satisfação por presidir, pela primeira vez, àquela celebração.

Apontando para S. João Batista salientou que ele, na sua humildade, isto é, na sua verdade inteira, provoca ainda hoje «a inquietação na consciência das pessoas, de dizer que não vos deveis acomodar àquilo que já sois, àquilo que já fazeis, àquilo que já tendes». «Mas tendes de ser cada vez mais e melhor para que, sendo bons cidadãos e bons cristãos, nós possamos sempre contribuir com uma marca positiva para o mundo em que vivemos e na Igreja a que pertencemos».

Lembrando as palavras de S. João Batista, “é necessário que Ele cresça e eu diminua”, considerou que Jesus, com esta frase, «é apontado como o sol da justiça». «E nós, ao contemplarmos o sol e deixarmos-nos iluminar por Ele fazemos com que, ao diminuirmos no nosso egoísmo, no nosso “eu”, sejamos capazes de construir o “nós” neste processo sinodal em que a Igreja se encontra».

Na vivência da festa e desejo do convívio, disse, experimentamos a beleza de vivermos em união, fraternidade, de construir a justiça, a paz, a verdade e o amor, «Celebrarmos a festa com estes testemunhos tão grandes, como é o de S. João Batista, torna-nos também pequenos. E quem se torna pequeno acolhe a grandeza do amor de Deus no seu coração».

O Arcebispo Primaz exortou os presentes a serem Cristóforos. «S. Cristóvão é aquele que transporta Cristo aos ombros e, segundo a tradição, ao passar de um lado para o outro, sentiu esse peso de trazer Jesus consigo. Mas é um peso que liberta, um peso da fraternidade, um peso da amizade, um peso da oração, um peso da fé e da esperança, que nos torna mais leves e capazes de levar Cristo no nosso coração e contagiá-lo na nossa família, nos nossos amigos, nas pessoas que convivem connosco, e até, alargando o horizonte, nos nossos inimigos, mesmo nas pessoas com as quais não temos tanta simpatia e, sobretudo naquelas pessoas que são as periferias existenciais, os pobres, os excluídos, aqueles que passam por tantas necessidades, aqueles que vivem sem sentido na sua vida e que esperam uma palavra, um sorriso, uma presença», explicou D. José Cordeiro, exortando as pessoas a ter um outro olhar para a vida.

Antes da celebração da Eucaristia Dom José visitou a capela de S. João da Ponte com o pároco de Santo Adrião, tendo o padre Domingos Paulo mostrado o trabalho de restauro da imagem de S. João Baptista.

Na homilia considerou que esta imagem pode ser uma interpelação para todos, «para nós os bispos, presbíteros, as pessoas com responsabilidade das festas de S. João, desta paróquia de Santo Adrião, os responsáveis políticos, sociais e económicos». «Ele é um Homem grande, é o ponto de encontro entre o antigo e o novo. E o novo não permanece novo para sempre se não se deixar renovar. O restauro da imagem de S. João Batista interpela-nos a isso. Precisamos de renovar o coração, a esperança, a alegria, a energia interior para prosseguirmos o caminho. E, às vezes, é preciso uma limpeza, um restauro para não perder a beleza original que recebemos pelo batismo».

D. José deseja felicidades a D. Nuno

O Arcebispo Metropolitano de Braga, Dom José Cordeiro, desejou em 25 de junho a Dom Nuno Almeida um «ministério fecundo» na Diocese de Bragança-Miranda.

Dom Nuno, que iniciou o ministério pastoral na diocese do noroeste transmontano, vai servir num território vasto que perdeu mais de 13 mil habitantes entre 2011 e 2021 e se debate com uma população envelhecida e dispersa.

Questionado pelo «Diário do Minho» se esta realidade dificulta a missão do ex-Bispo Auxiliar de Braga, Dom José Cordeiro –

que conhece bem a Diocese de Bragança-Miranda, a qual liderou durante 11 anos, antes de assumir a Arquidiocese de Braga, em fevereiro de 2022 – reconheceu que os desafios que se colocam à missão de Dom Nuno «são imensos», mas representam também «novas oportunidades».

«Os desafios, como já se deu conta, são imensos, mas, juntamente com o presbitério e na proximidade com o povo santo de Deus, saberá os melhores caminhos a seguir para a fidelidade ao Evangelho e da presença credível do mesmo aqui junto desta gente tão boa», disse Dom José Cordeiro, não se atrevendo a dar sugestões ao seu ex-colaborador direto.

A Diocese de Bragança-Miranda, a quarta diocese mais extensa do país, é sufragânea da Arquidiocese de Braga. O seu território atual pertenceu à Arquidiocese de Braga até 1545 (exceto algumas áreas fronteiriças do Norte que estiveram na dependência de Astorga até ao tratado de Alcanizes de 1297).

Dom José Cordeiro manifestou a sua alegria pela escolha, pelo Papa Francisco, de Dom Nuno Almeida para a «querida» Diocese de Bragança-Miranda, formada por 321 paróquias, com gente «muito hospitaleira», e que tem como padroeiro S. Bento.

Atividades pastorais

junho/2023

Dom José Cordeiro

Nota: apresentamos em itálico textos transcritos do facebook.

- 02 – Esteve presente no Bom Jesus do Monte, na inauguração de uma exposição sobre Raul Lino. Assistiu a um concerto na igreja paroquial de S. Vítor.
- 04 – Presidiu a uma peregrinação ao Sameiro.

- Visitou na cripta da igreja de S. Bento da Porta Aberta a exposição «toalhas água às mãos».
- 08 – Presidiu na cripta do Sameiro à Missa da Profissão de Fé de alunos do Colégio Dom Diogo de Sousa. Presidiu na Sé à celebração do Corpo de Deus.
“Já vivi demasiado tempo para fora; agora quero olhar para dentro, para o Hóspede Divino da minha alma”:
o Servo de Deus, Padre Abílio Gomes Correia e a devoção à Eucaristia.
- 10 – Presidiu a uma celebração interparoquial do Crisma na igreja de Santa Maria de Prado, arciprestado de Vila Verde.
- 11 – No Colégio Dom Diogo de Sousa, em Braga, presidiu à Missa de primeira comunhão de 105 alunos.
- 15 – Esteve em Roma, onde assistiu ao doutoramento do Padre José Miguel Fraga Cardoso.
- 17 – Esteve em S. Torcato, arciprestado de Guimarães e Vizela, na apresentação de dois trabalhos de investigação histórica.
Na paróquia de Medelo, arciprestado de Fafe, participou na inauguração de um monumento ao Escutismo católico.
Presidiu na cripta da Basílica do Sameiro à celebração do crisma de jovens da zona pastoral Oeste/Veiga, do arciprestado de Braga.
- 18 – Presidiu na paróquia de Calvos, arciprestado de Guimarães e Vizela, à missa com que principiou a Ronda da Lapinha. Depois integrou o número de peregrinos fazendo, a pé, metade do percurso: entre Calvos e a igreja de Nossa Senhora da Oliveira, em Guimarães.
- 19 – *Bom dia!*
A Arquidiocese está em caminho sinodal.
+ info: <https://arquidiocese-braga.pt/noticia/1/38055>

- 19 e 20 – Participou em Fátima nas jornadas pastorais do episcopado.
- 21 – Presidiu a uma reunião do Conselho Episcopal.
- 22 – Presidiu em Ronfe a uma reunião do clero do arcebispo de Guimarães e Vizela.
A JMJ Lisboa 2023 é uma oportunidade única e irrepetível. Não percas este momento único. Inscreve-te!
- 24 – Presidiu à celebração da Eucaristia no exterior da igreja de S. João Batista, no Parque da Ponte, em Braga.
Presidiu, também em Braga, à procissão dos Santos do Mês de Junho.
O Cortejo Sanjoanino saiu às ruas de Braga esta manhã, com os seus carros alegóricos das Ervas, do Rei David e dos Pastores.
*«Ó meu São João de Braga,
és de Braga és braguez
Cantemos ao São João
cantemo-lo outra vez!»*
- 25 – Esteve em Bragança, na Missa de tomada de posse de Dom Nuno Almeida.
- 26 – Presidiu na Sé à Missa em honra de S. Josemaria Escrivá.
- 28 – Esteve presente no Auditório Professor Manuel Isidro Alves, da Universidade Católica, na apresentação do livro «A proposta da Esperança Cristã hoje», do Cónego Vítor José Novais.

Dom Delfim Gomes

- 01 de junho - Bênção dos finalistas da Escola Emidio Garcia, em Bragança.
- 03 - Participação no início do ministério episcopal de D. Francisco Prieto, em Santiago Compostela.
Encerramento da Visita Pastoral na Zona Norte do arcebispo de Barcelos.

- Início da Visita Pastoral na Zona Centro.
- 04 - Inauguração das obras na Igreja Matriz de Oriz, arceprelado de Vila Verde.
- 06 - Visita Pastoral a S. Martinho e S. Pedro.
- 08 - Celebração da solenidade do Corpo de Deus em S. Martinho.
- 09 - Encontro com a catequese em S. Pedro.
- 10 - Celebração do Crisma no Colégio D. Diogo de Sousa, em Braga.
Batizado na Sé Catedral.
Visita Pastoral a Barqueiros.
- 11 - Celebração em S. Pedro.
- 12 - Visita Pastoral a Arcozelo. Igreja. Receção na Junta de Freguesia.
Visita à Igreja de São Mamede. Visita aos doentes.
Encontro com o CEP e direção do Centro Social e Paroquial. Eucaristia na Igreja de S. José. Encontro com o Clero da segunda-feira e jantar com sacerdotes.
- 13 - Celebração de Santo António em S. Tiago de Antas, arceprelado de Vila Nova de Famalicão.
Visita Pastoral a Lijó. Visita à APAC e Casa dos Sonhos. APACI Lijó.
Cantinho da Abadia. Receção na Junta de Freguesia.
Visita aos doentes acamados. Eucaristia com unção dos doentes. Assembleia paroquial.
- 14 - Vila Frescainha - Formação Pastoral Profética.
- 16 - Presidir à celebração da Festa do Titular dos Missionários Combonianos, em Santiago de Antas.
Visita Pastoral a Lijó - Visita às Irmãs Missionárias de Maria. Eucaristia (encerramento da adoração ao Santíssimo Sacramento). Assembleia paroquial.
- 17 - Crisma na Zona Este do arceprelado de Vila Nova de Famalicão - Igreja de S. Mateus.
Em Joane: Crisma Interparoquial.

- Visita Pastoral a Lijó: encontro com a adolescência e catequese; jantar na Cripta (angariação de fundos para as obras: Cripta e Igreja).
- 18 - Visita Pastoral em Arcozelo.
Visita pastoral em Lijó.
- 19 a 21 - Jornadas pastorais da Conferência Episcopal Portuguesa.
- 21 - Visita Pastoral a Barcelinhos. Assembleia Paroquial. Em Santa Eugénia: encontro com catequistas.
- 22 - Visita Pastoral a Macieira: Junta de freguesia e Cruz Vermelha.
Colégio La Salle. Santa União. Encontro com movimentos. Eucaristia.
- 23 - Visita Pastoral a Santa Eugénia: Associação humanitária e Junta de Freguesia.
Centro paroquial de Barcelinhos.
Santa União em Barcelinhos e Santa Eugénia. Assembleia paroquial.
Assembleia paroquial em Macieira.
- 24 - Visita Pastoral a Barcelinhos - Bombeiros e Amigos da Montanha.
Junta de Freguesia e albergue. Almoço com CEP das três paróquias. Encontro com CNE. Missa e Crisma (Adultos). Assembleia paroquial.
- 25 - Entrada de Dom Nuno em Bragança.
- 26 - Reunião da Comissão de Educação cristã.
- 27 - Encontro com o Clero do arceprelado de Amares.
- 28 - Conselho Episcopal.
Conselho Permanente do C.P.
- 29 - Celebração da Solenidade de S. Pedro e S. Paulo em Guimarães.
Reunião com o Pe. Cândido Magalhães, de Vizela.
- 30 - Reunião com o Clero do arceprelado de Celorico de Basto.
Celebração dos 90 anos da Caixa de Crédito Agrícola.

2 – Serviços Centrais

Colégio dos Consultores

Nomeação dos membros do Colégio dos Consultores da Arquidiocese de Braga.

Dom José Manuel Garcia Cordeiro, Arcebispo Metropolitano de Braga e Primaz das Espanhas, de acordo com o Código de Direito Canónico e a norma do direito universal, nomeou os seguintes membros do Conselho Presbiteral para integrarem o Colégio dos Consultores da Arquidiocese de Braga:

- Dom Delfim Jorge Esteves Gomes
- Padre Adelino Marques Domingues
- Padre António Sérgio Gouveia Garcia Torres
- Cónego Avelino Marques Amorim
- Cónego Hermenegildo José das Neves Faria
- Padre Jorge Filipe Vilaça Barbosa
- Cónego José Paulo Leite de Abreu
- Cónego Manuel Joaquim Fernandes da Costa
- Cónego Mário Martins Chaves Rodrigues
- Cónego Vítor José Novais

*Braga e Cúria Arquiepiscopal, 23 de junho de 2023.
Cónego João Paulo Coelho Alves, Chanceler*

Decreto de aprovação de estatutos

Dom José Manuel Garcia Cordeiro promulgou um decreto que aprova os estatutos de: **CONFRARIA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO**, sedeadada na paróquia de São Miguel de Roriz, Concelho de Barcelos, Arciprestado de Barcelos e Arquidiocese de Braga.

Constam de cinquenta e sete Artigos, distribuídos por oito capítulos, exarados em vinte e três páginas (incluído o averbamento) autenticadas com o timbre da Cúria Arquiepiscopal de Braga.

Para memória se outorga o presente Decreto, que vai assinado pela autoridade canónica competente e autenticado com o selo branco da Arquidiocese.

O ato fica registado na Cúria Arquiepiscopal na Secção das Pessoas Jurídicas, Processo n.º 2486 / 2023.

Braga, Cúria Arquiepiscopal, 20 de junho de 2023.

Alteração de denominação e aprovação de estatutos

Tendo o Órgão competente da IRMANDADE DA SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE FÃO, sita na paróquia de São Paio de Fão, Concelho de Esposende, Arciprestado de Esposende e Arquidiocese de Braga, requerido a alteração de denominação e a consequente revisão dos seus estatutos;

Atendendo a que foram seguidos os trâmites exigidos e examinados os Estatutos, integrados no Processo n.º 2625 / 2023 da

Cúria Arquiepiscopal de Braga, nada obstando ao deferimento que foi requerido;

D. JOSÉ MANUEL GARCIA CORDEIRO, por mercê de Deus e da Santa Sé Apostólica, Arcebispo de Braga e Primaz das Espanhas, **altera a denominação da IRMANDADE DA SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE FÃO**, sita na paróquia de São

Paio de Fão, Concelho de Esposende, Arciprestado de Esposende e Arquidiocese de Braga para **SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE FÃO - HOSPITAL E LAR SÃO JOÃO DE DEUS** e aprova os novos ESTATUTOS pelos quais se há-de reger de ora em diante, que constam de quarenta e um Artigos, distribuídos por oito capítulos, exarados em vinte e sete páginas (incluído o averbamento) autenticadas com o timbre da Cúria Arquiepiscopal de Braga.

Para memória se outorga o presente Decreto, que vai assinado em nome da autoridade canónica competente, o Bispo Diocesano e autenticado com o selo branco da Arquidiocese.

O ato fica registado na Cúria Arquiepiscopal, no aludido processo e na Secção das Associações de Fiéis.

Braga, Cúria Arquiepiscopal, 27 de junho de 2023.

Provisões a corpos gerentes

Dom Manuel José Garcia Cordeiro assinou provisões que aprovam os corpos gerentes de:

COLÉGIO DE SÃO CAETANO, sito na Paróquia de São Pedro de Maximinos, Arciprestado de Braga, Concelho de Braga e Arquidiocese de Braga, constituídos por:

DIREÇÃO

Presidente: Custódio Macedo de Lima
Secretário: José Pereira Figueiredo
Tesoureira: Marina Luísa Iglesias Calatré Peters Cunha

CONSELHO FISCAL

Presidente: António Abreu Pereira
Secretário: Inácio de Loiola Rodrigues Coroas
Vogal: Lino Gomes de Campos

ÓRGÃO DE VIGILÂNCIA:

P.e Manuel Joaquim de Magalhães Miranda

Esta homologação é válida de 27 de junho de 2023 a 05 de abril de 2027.

E, para constar, se outorga esta Provisão registada com o n.º 2120 / 2023.

Braga, Cúria Arquiepiscopal, 27 de junho de 2023.

CONFRARIA DAS ALMAS, sita na Paróquia de São Lourenço de Sande, Arciprestado de Guimarães e Vizela, Concelho de Guimarães e Arquidiocese de Braga, constituídos por:

ASSEMBLEIA GERAL

Presidente: Francisco José Mendes Ribeiro
Secretárias: Ana Maria Sousa Ferreira
Jaquina Marques Machado

MESA ADMINISTRATIVA

Presidente: Emília Armanda Oliveira Gonçalves
Secretária: Maria Amélia Esteves da Maia
Tesoureiro: José da Silva Almeida
Vogais: José de Oliveira Ribeiro
Manuel Serafim Carvalho Ferreira

CONSELHO FISCAL

Presidente: José Augusto Melo Ribeiro
Vogais: Adriana Piairo Gomes
Conceição Elisabete Correia Matos

ÓRGÃO DE VIGILÂNCIA:

Pe Abel Braga Arantes de Faria

Esta homologação é válida de 13 de junho de 2023 até 13 de junho de 2028.

E, para constar, se outorga esta Provisão, registada sob o n° 2360 / 2023.

Braga, Cúria Arquiepiscopal, 13 de junho de 2023.

CONFRARIA DE NOSSA SENHORA DA LAPA E SÃO BARTOLOMEU, sita na Paróquia de São João Baptista de Vila do Conde, Arciprestado de Vila do Conde / Póvoa de Varzim, Concelho de Vila do Conde e Arquidiocese de Braga, constituídos por:

ASSEMBLEIA GERAL

Presidente: João José Oliveira Maia
Secretários: Joaquim da Silva Lapa
Maria da Conceição Aguiar da Lapa

MESA ADMINISTRATIVA

Presidente: João Maria Alves Lapa
Secretário: João Carlos Lapa Dias
Tesoureiro: Fernando Manuel Ferreira Mesquita
Vogais: José Alves da Lapa
Eduardo Silva

CONSELHO FISCAL

Presidente: Graça Maria Costa Vieira
Vogais: Cristina Alexandrina Ferreira Casais
Emília Fernanda Freitas Fernandes

ÓRGÃO DE VIGILÂNCIA:

P.e Paulo César Pereira Dias

Esta homologação é válida de 13 de junho de 2023 até 13 de junho de 2026.

E, para constar, se outorga esta Provisão, registada sob o n.º 2361 / 2023.

Braga, Cúria Arquiepiscopal, 13 de junho de 2023.

CENTRO SOCIAL PAROQUIAL DE SÃO CRISTÓVÃO DE SELHO, sito na Paróquia de São Cristóvão de Selho, Arciprestado de Guimarães e Vizela, Concelho de Guimarães e Arquidiocese de Braga, constituídos por:

DIREÇÃO

Presidente: P.e Samuel Miranda Vilas Boas
Vice-Presidente: Dionísio Sousa Fernandes
1.ª Secretária: Marta Isabel Dias Oliveira
2.ª Secretária: Josefá Lurdes da Silva Almeida Lemos
Tesoureiro: António Marques Fernandes

CONSELHO FISCAL

Presidente: Maria Manuela Ribeiro Dias Machado
Secretário: Natércia Marisa Sampaio Ribeiro
Vogal: Manuel Ribeiro Dias

Esta homologação é válida de 01 de junho de 2023 a 10 de fevereiro de 2024.

E, para constar, se outorga esta Provisão registada com o n.º 2183 / 2023.

Braga, Cúria Arquiepiscopal, 01 de junho de 2023.

CENTRO SOCIAL PAROQUIAL DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO, sito na Paróquia de Nossa Senhora

da Conceição, Arciprestado de Guimarães e Vizela, Concelho de Guimarães e Arquidiocese de Braga, constituídos por:

DIREÇÃO

Presidente: P.e Tiago Leonel Araújo Cunha
Tesoureiro: Sérgio Manuel Braga Balão
Secretária: Ana Sara Araújo Antunes
Vogais: Ana Rita da Silva Barreira
Fernando Eleutério Carvalho Martins Fernandes

CONSELHO FISCAL

Presidente: Manuel Alves Barbosa
Secretária: Maria Fernanda Faria Costa
Vogal: Maria Luísa Simões Pereira Lobo

Esta homologação é válida de 01 de junho de 2023 a 01 de junho de 2027.

E, para constar, se outorga esta Provisão registada com o n.º 2184 / 2023.

Braga, Cúria Arquiepiscopal, 01 de junho de 2023.

3 – Programa Pastoral

Informações diversas

Corpo de Deus. A solenidade do Santíssimo Corpo e Sangue de Cristo (Corpo de Deus) realizou-se em 08 de junho.

Em Braga a chuva impediu que a procissão saísse à rua.

A celebração, a que presidiu Dom José Cordeiro, incluiu a celebração da Eucaristia, procissão no interior da Catedral, adoração ao Santíssimo Sacramento.

“GODnight: à conversa sobre...” O Departamento Arquidiocesano para a Formação e Ministérios Laicais dinamizou o terceiro e último encontro de um ciclo de serões de formação, intitulado “GODnight: à conversa sobre...” no dia 02 de junho, no Centro Cultural e Pastoral da Arquidiocese de Braga, com o tema “Vamos todos para o céu?”.

Foi orador convidado Alexandre Freire Duarte, docente da Universidade Católica Portuguesa.

As visitas pastorais à Zona Centro do arciprestado de Barcelos principiaram em 03 de junho com uma celebração conjunta na igreja paroquial de Lijó.

Uma peregrinação arquidiocesana ao Sameiro realizou-se em 04 de junho. Saiu da Catedral às 07h00.

Foi precedida, no dia 02, de uma procissão de velas desde a Igreja de S. Vicente até à Sé, com paragem na Igreja do Pópulo, para um momento de oração.

Entretanto, durante o mês de maio, a imagem peregrina de Nossa Senhora do Sameiro foi levada pelas paróquias da Zona Pastoral do Cávado.

Dom José Cordeiro, que no dia da peregrinação presidiu à celebração da Eucaristia, anunciou que nos dias 31 de maio e 02 de junho de 2024 se celebra em Braga o 5.º Congresso Eucarístico Nacional, cujo encerramento será o Sameiro.

Perante o “mar” de gente que assistia à missa campal, o Arcebispo Primaz considerou estar ali o “Povo de Deus representado”.

“Escuteiros, juntamente com outros jovens na dinamização para a Jornada Mundial da Juventude, os seminaristas, a Confraria da Senhora do Sameiro, os puxadores do andor, as crianças, os adolescentes, os jovens, os idosos, os que podem e aqueles que gostariam de aqui estar e não podem, o Bispo, os Presbíteros e os diáconos. Está aqui o Povo de Deus representado”, afirmou Dom José Cordeiro, vincando que este povo «peregrina neste território com Ela e como Ela, esta “Mulher Admirável”.

Segundo o Prelado, o facto de esta peregrinação em comunhão com a Igreja ocorrer no dia em que celebramos a Solenidade da Santíssima Trindade “sublinha ainda mais a nossa condição de ‘Povo Peregrino’ que, à luz do Mistério da Trindade, é conduzido à plenitude da vida”.

Um Momento de Oração pela Vida e Vocações realizou-se em 01 de junho na igreja paroquial de Maximinos.

Foi um dos muitos encontros de oração mensais promovidos pelo Departamento Arquidiocesano para a Pastoral Vocacional em colaboração com a zona pastoral da Cidade e Este do Arciprestado de Braga, que, ao longo de todo o ano pastoral, percorrem as paróquias envolvidas.

Grupo sinodal para brasileiros. Um grupo de leigos brasileiros residentes na Arquidiocese de Braga anunciou em 20 de junho a formação do Grupo Sinodal para brasileiros, uma iniciativa que busca fortalecer a participação da comunidade migrante na vida da Igreja e promover a sinodalidade em todas as suas dimensões.

A primeira reunião foi no dia 27 de junho, em formato online.

Jovens de Pemba na JMJ. Dois jovens da Diocese de Pemba, em Moçambique, vão participar na JMJ Lisboa 2023, com a ajuda da Arquidiocese de Braga, que mantém um acordo de cooperação e assume a Paróquia de Santa Cecília de Ocua, naquele país africano.

“Quando estive em Moçambique, na Paróquia de Ocua, que está confiada à Arquidiocese, lançamos o desafio de Braga poder convidar dois jovens da paróquia, custeando as despesas, para criar maior relação de amizade e proximidade. Conseguimos. Virão o David e a Esménia”, disse Dom José Cordeiro à Agência ECCLESIA.

Esménia Manuel, de 20 anos, e David Raimundo, de 21 anos são acólitos, leitores e pertencem ao grupo de jovens da Paróquia de Santa Cecília de Ocua.

4 – Clero e Seminários

Nomeações Pastorais

Dom José Manuel Garcia Cordeiro, Arcebispo Metropolitano de Braga e Primaz das Espanhas, perante novas necessidades pastorais e procurando responder às suas exigências, procedeu às seguintes nomeações:

- **Dom Roberto Rosmaninho Mariz**, dispensado, com a gratidão da Arquidiocese de Braga, de Ecónomo da Arquidiocese Braga e Seminários Arquidiocesanos de Braga.

- **Padre Tiago André Fernandes Freitas**, dispensado, com a gratidão da Arquidiocese de Braga, de Chefe de Gabinete do Arcebispo Metropolitano de Braga e Primaz das Espanhas.

- **Padre Miguel Paulo Carvalho Simões**, nomeado Ecónomo da Arquidiocese Braga e Seminários Arquidiocesanos de Braga.

- **Padre José Miguel da Silva Neto**, nomeado Chefe de Gabinete do Arcebispo Metropolitano de Braga e Primaz das Espanhas.

- **Professora Paula Cristina Fernandes Lopes**, nomeada Secretária para o Serviço das Escolas Católicas da Arquidiocese de Braga.

*Braga e Cúria Arquiepiscopal, 23 de junho de 2023.
Cónego João Paulo Coelho Alves, Chanceler*

Doutoramento do Pe. José Miguel Cardoso

O Pe. José Miguel Fraga Cardoso defendeu em 15 de junho a tese de doutoramento em Teologia Dogmática na Pontifícia Universidade Gregoriana (Roma).

A tese defendida versa sobre a proposta de uma nova tipologia teológica. Mais concretamente, ao vivermos a terceira etapa da história da Teologia, que se caracteriza por ser uma “estação escatológica”, depois da “estação protológica” (que durou até à modernidade) e da “estação antropológica” (que durou até à II Guerra Mundial, preconizada na metáfora de Auschwitz), a tese visa aprofundar aquele que é um dos tratados mais jovens do arcêpago teológico: a escatologia.

Por causa do atraso cronológico da parusia (a última vinda de Cristo), ao longo da Tradição da Igreja a temática escatológica foi-se reduzindo progressivamente aos conteúdos da vida post mortem (morte, juízo, inferno e paraíso). Isto, até que a renovação escatológica do séc. XX superou este docetismo escatológico, ao resgatar a escatologia para o centro da teologia, enriquecendo-a com novos horizontes, categorias e conteúdos que se alastram a todas as restantes áreas teológicas. Desta renovação escatológica emergem dois nomes maiores: Karl Rahner (1904-1984), o maior teólogo católico do séc. XX, e o seu discípulo predileto, Johann Baptist Metz (1928-2019).

É da leitura hermenêutica destes dois autores alemães que o Pe. José Miguel propõe uma nova tipologia teológica, superando as suas lacunas teológicas e confrontando-a com o contexto socio-cultural que vivemos, denominado de “pós-modernidade”. E daqui a sua proposta de se repensar toda a teologia a partir de uma escatologia sapiencial.

Com o intuito de aproximar o “crer na parusia” ao “viver na espera da parusia”, a tese pretende, assim, discernir o atual caminho (teológico) que percorreremos entre o “paraíso perdido” e a “terra prometida”. Porque a Igreja não vive apenas de tradições, mas também de antecipações.

O Pe. José Miguel continua em Roma, onde estudou durante cinco anos, agora a exercer o seu ministério no Dicastério para a Cultura e Educação da Cúria Romana (Vaticano).

Notícias diversas

Um retiro para o Clero realizou-se de 03 a 07 de julho no Mosteiro de Santa Escolástica, em Roriz, Santo Tirso, orientado por frei José Nunes, op.

O Cónego Vítor José Novais publicou o livro «A Proposta da Esperança Cristã Hoje».

Editado pela Universidade Católica Portuguesa, foi apresentado em 28 de junho no Auditório Prof. Manuel Isidro Alves, no Campus Camões do Centro Regional de Braga daquela Universidade.

O livro resulta da tese de doutoramento em Teologia Moral que o autor apresentou na Academia Alfonsiana – Instituto Superior de Teologia Moral, de Itália, em dezembro de 2022.

Em jeito de sinopse, a obra sustenta que, “enquanto categoria ética, a esperança assume-se como um elemento decisivo e estruturante que impele o ser humano ao desejo de renovação, levando-o a agir, a questionar-se e a reestruturar-se enquanto indivíduo. É a esperança que configura a nossa entidade, que nos permite superar dificuldades, descobrir e construir novos caminhos e diferentes perceções da realidade. Esperar não é, portanto, uma atitude

de otimismo perante o futuro; é, antes, uma atitude indagadora e transfiguradora do presente, perspetivando-se, já no presente, um futuro que se espera alcançar”.

A novidade desta obra consiste, segundo o autor, “em olhar a esperança como sentido, estilo e impulso para a regeneração da proposta moral. Alicerçado em algumas categorias da moral fundamental”, o estudo pretende ser “fonte de inspiração para a transformação do ser e do agir do crente”.

Vítor Novais é reitor do Seminário Conciliar de S. Pedro e S. Paulo e leciona na Faculdade de Teologia.

O livro Verna, de poemas, da autoria do Cónego Joaquim Félix de Carvalho, foi apresentado em 07 de junho, por José Rui Teixeira, no Auditório Prof. Isidro Alves, do Centro Regional de Braga da Universidade Católica Portuguesa.

Padre Alfredo Saleiro Cardoso. Os padres e diáconos do arceprelado de Fafe prestaram em 21 de junho homenagem póstuma ao Pe. Alfredo Saleiro Cardoso, na sua terra natal, S. Bartolomeu do Mar.

O Programa incluiu a celebração da Missa, na igreja paroquial, e a colocação de uma lápide no cemitério, junto da sua sepultura.

Aquele sacerdote serviu em Fafe durante 39 anos. Faleceu a 25 de abril do ano em curso, vítima de doença prolongada.

Na palestra arceprestal de maio foi lavrado e aprovado um voto de louvor e gratidão pela zelosa dedicação do Pe. Saleiro, sobretudo nas três comunidades que ao longo de quase quatro décadas serviu como pároco.

Fraternidade Sacerdotal. A assembleia geral da Fraternidade Sacerdotal das dioceses de Braga e Viana do Castelo reuniu em 22 de junho no Centro Cultural e Pastoral da Arquidiocese de Braga.

5 – Religiosos/as

Notícias diversas

Jorge Oliveira, da Prelatura do Opus Dei, natural de Braga, onde viveu até aos 18 anos, celebrou em 10 de junho Missa Nova na Basílica do Sameiro.

Engenheiro, corredor de maratonas, doutorando em Teologia Moral (Ética Económica), foi ordenado sacerdote em Roma, na Basílica de Santo Eugénio, no dia 20 de maio, aos 39 anos de idade.

Estudou Engenharia no Instituto Superior Técnico, em Lisboa. Concluído o curso trabalhou em várias empresas e voltou para a universidade a fim de fazer o mestrado, na altura, e dar aulas de gestão da Construção. Também trabalhou no setor da Banca.

Cooperadoras da Família. O Instituto Secular das Cooperadoras da Família promoveu em 18 de junho, na igreja do Pópulo, uma celebração de ação de graças pelos seus 90 anos de existência.

Aquele Instituto dinamiza em Braga a Obra de Santa Zita que foi fundada por Monsenhor Joaquim Alves Brás.

6 – Património

Notícias diversas

Beato Carlo Acutis. Uma imagem do Beato Carlo Acutis, a primeira em Portugal, foi benzida em 04 de junho na Capela de Nossa Senhora dos Remédios, em Arco de Baúlhe - Cabeceiras de Basto.

No dia 18 foi a entronização de uma relíquia do mesmo Beato Carlo Acutis na Igreja Paroquial de Santa Maria de Duas Igrejas, arciprestado de Vila Verde.

Carlo Acutis foi um jovem que utilizou a sua apetência para a informática no serviço aos outros e na divulgação de conteúdos de formação cristã. Após receber o diagnóstico de uma leucemia fulminante, em 2006, entregou o pouco tempo de vida que lhe restava à Evangelização e proclamação do Evangelho através das novas tecnologias.

Faleceu no dia 12 de outubro de 2006 e foi beatificado no dia 10 de outubro de 2020. É um dos patronos da Jornada Mundial da Juventude - Lisboa 2023.

Imagem de S. João da Ponte. A paróquia de Santo Adrião, do arciprestado de Braga, apresentou este ano, completamente restaurada, a imagem de S. João da Ponte, do século XVII, existente na capela do Parque da Ponte.

Raul Lino – Arquitetura e Património no Bom Jesus foi o tema de uma exposição inaugurada em 02 de junho no Centro de Memórias do Bom Jesus do Monte.

Foi dedicada inteiramente ao trabalho realizado por Raul Lino, que colaborou com a Confraria desde 1906 até aos anos 30 do século XX, no Bom Jesus do Monte.

Raul Lino da Silva nasceu em Lisboa a 21 de novembro de 1879 e aí faleceu a 13 de julho de 1974.

O Cônego Joaquim Félix de Carvalho proferiu em 03 de junho na Capela da Imaculada, no Seminário de Nossa Senhora da Conceição, uma conferência subordinada ao tema «Para Brincar diante de mim que casa haveis de construir?».

O livro “**Em defesa do culto a S. Pedro de Rates**”, dissertação de D. Frei Inácio De São Caetano, foi apresentado a 21 de junho no Museu Pio XII (Braga), e será apresentado no dia 07 de julho no Salão Paroquial de S. Pedro de Rates (Póvoa de Varzim).

Igreja de Santa Cruz. As visitas guiadas à Igreja de Santa Cruz, em Braga, a partir de 08 de junho passaram a ter o custo de um euro por pessoa. Continuam gratuitas as entradas de pessoas que vão àquele templo só para rezar.

Dois livros sobre S. Torcato - “São Torcato: Romaria a um Vale Infundável” e “São Torcato: História, Devoção e Património”, foram apresentados em 17 de junho no Terreiro de São Torcato.

Resultaram de uma investigação histórica e científica e análise documental sobre São Torcato e a Romaria Grande, com vista à preservação e qualificação dos recursos patrimoniais, bem como à valorização dos itinerários e do património cultural imaterial e estruturação em rede da oferta turística.

O Museu do Escutismo de S. Martinho de Dume inaugurou nove painéis de azulejos que reproduzem imagens do primeiro acampamento escutista realizado em agosto de 1907 na ilha de Brownsea (Reino Unido).

Monumento ao Escutismo. O Núcleo de Fafe e o Agrupamento 966 de Medelo assinalaram em 17 de junho o centenário do CNE (Corpo Nacional de Escutas) em Portugal e as bodas de ouro do Núcleo e do Agrupamento com a inauguração de um monumento, cuja construção evoca as diferentes etapas deste itinerário humano e cristão percorrido pelos escuteiros. O programa contou com a presença de Dom José Cordeiro.

O monumento tem a forma de triângulo e de tenda, numa referência ao modelo de Deus Trindade, que é seguido pelo CNE Católico. Por outro lado, o CNE que realiza muitas das suas atividades montando a tenda, descobre a mística da tenda como espaço de partilha e de encontro e sobretudo como espaço onde Deus conosco se encontra, pois o Verbo de Deus acampou entre nós (Cf. Jo 1,14).

A exposição “Salama! Salama!” está patente na Cripta da Igreja das Caxinas desde o dia 18 de junho.

Mostra traduções e tradições da Missão de Ocuá, Pemba, Moçambique, em vermelho-alegria, vermelho-cor, vermelho-festa, vermelho-sangue, vermelho-vida. Foi inaugurada pela primeira vez a 07 de dezembro de 2022 e esteve patente na Torre Medieval (Braga) até ao Tempo Pascal.

A Basílica dos Congregados, em Braga, iniciou em 30 de junho um ciclo de visitas guiadas. Têm a duração de 90 minutos e cada visitante paga cinco euros. São orientadas por Rui Ferreira.

A Basílica de S. Pedro do Tural, de Guimarães, vai receber da Câmara Municipal a doação da máquina e dos relógios

da torre, conforme intenção manifestada em 29 de junho através da vereadora Paula Oliveira. A Câmara assegurará a intervenção de limpeza, reabilitação e arranjos.

O relógio e mostradores foram instalados na torre da Basílica pelo Município Vimaranense em 1938.

Imagem de S. Pio X. A Irmandade de Nossa Senhora do Carmo da Penha (Guimarães) mandou restaurar a imagem de S. Pio X, instalada num altar lateral do santuário.

Aquela escultura, da autoria de «Crispim», foi executada nas oficinas Tedim, instaladas na freguesia Silva Escura, na Maia, para as jornadas eucarísticas de 1973. É uma imagem de grandes dimensões, em madeira policromada.

7 – Educação e Fé

A fé dá sentido à vida

A Cripta do Sameiro encheu-se, na manhã de 08 de junho, por ocasião da Profissão de Fé dos alunos do Colégio Dom Diogo de Sousa, cerimônia presidida pelo Arcebispo Primaz que fez questão de enaltecer a importância da fé e de Cristo na vida de cada um tendo em vista a felicidade plena.

“Tal como não podemos viver sem pão ou luz, também sem Cristo a vida não tem o sentido pleno da alegria. A vida oferece muitas felicidades, mas só Jesus Cristo garante a alegria plena e quem descobre isso é a pessoa mais feliz do mundo”, disse, não descartando a hipótese de, ao longo da vida, surgirem dúvidas. “À medida que vão crescendo e vão tendo muita informação de dentro e fora do Colégio, surgem muitas perguntas e isso é muito bom e é bom termos sempre pessoas conosco para nos ajudar a responder às perguntas, mas não a substituir cada um de nós”, acrescentou.

Para D. José Cordeiro, “a fé é o maior risco de vida”. “Ou acreditamos com inteligência ou seguimos a nossa intuição e caminho, mas a fé acontece por contágio e não só pela inteligência ou razão”, sublinhou. E, “se calhar tão ou mais importante que renovar a profissão de fé feita no batismo, será voltar a fazer as perguntas e a pensar no sentido mais profundo da vida: quem sou, para quem sou e para que serve a fé”.

De acordo com o Prelado, “no mundo em que vivemos estas perguntas têm uma resposta imediata: se vamos perguntar para que serve a fé, muitos dirão que não serve para nada. De facto, a fé não serve para nada porque ela não é para ser concebida.

Mas a fé serve para tudo, para dar sentido à vida, e quem recebe o dom da fé é uma pessoa feliz. Não tem resolvidos todos os seus problemas, mas a fé dá-nos a paz do coração e não nos deixa em paz. A preocupação com os outros, com o mundo e pela ecologia tem de nos incomodar sempre”, sustentou, vincando que “com a fé nós damos sentido pleno à vida”.

D. José Cordeiro lembrou ainda às crianças e aos professores, familiares e amigos presentes que “Deus não desiste de nós mesmo que às vezes queiramos desistir Dele”. Pelo contrário: “Ele renova em nós as razões da vida, da fé, da esperança e do amor”.

Notícias diversas

Licenciatura em ciências religiosas. A Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa continua a lecionar em 2023/2024 a Licenciatura e o Mestrado em Ciências Religiosas na modalidade de ensino a distância.

Estes ciclos procuram responder a públicos geograficamente dispersos e em contextos de vida diversificados.

A frequência destes cursos não supõe a presença física dos alunos nas instalações da Universidade em Lisboa, Porto e Braga.

A Licenciatura em Ciências Religiosas destina-se àqueles que pretendem adquirir uma formação básica, de nível superior, em estudos teológicos, adequada a atividades eclesiais e profissionais que valorizam o conhecimento da tradição cristã e do fenómeno religioso. Destacam-se à queles que exercem ou têm intenção

de exercer ministérios e serviços eclesiais, aos que se dedicam à animação socio-religiosa de comunidades e grupos, bem como aos que procuram formação teológica superior que lhes permita candidatarem-se a mestrados, designadamente ao Mestrado em Ciências Religiosas que profissionaliza para a docência da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica.

Contribuir para a renovação da Igreja. Dom José Cordeiro presidiu em 17 de junho, na cripta da Basílica do Sameiro à celebração do Crisma de jovens da Zona Pastoral Oeste/Veiga, do arceprelado de Braga.

Convidou os jovens a contribuírem para a renovação da Igreja, mantendo uma participação ativa em todos os domínios da vivência católica. A participarem na eucaristia dominical e darem continuidade ao dom que lhes foi dado pela prática de boas obras.

«Cada um de vós é chamado a ser “Luz”, a ser sal da terra, como Jesus nos pede e hoje sentimo-nos felizes por podermos celebrar convosco esta etapa significativa da vossa vida cristã», disse o Prelado, acrescentando que com esta celebração «fica assim completa uma etapa significativa da iniciação cristã».

Deixou, contudo, o alerta: «não se trata de um ponto de chegada ou da conclusão de um caminho», mas esta celebração tem antes que ser encarada como «uma provocação».

«Facilmente nós na Igreja somos como que uma multidão de pessoas cansadas e desiludidas como se nada valesse a pena e tudo estivesse perdido, mas em momentos como estes sentimos renovada a esperança», afirmou, acrescentando a estes momentos outros como as Jornadas Mundiais da juventude (JMJ), que têm trazido um novo dinamismo à Igreja.

Importa, disse, continuar este percurso de dinamismo para que «juntos continuemos a dar de graça aquilo que recebemos de graça» e como tal não devemos olhar a Igreja ou o Crisma como «algo que tem que ser, mas antes encará-lo como um dom, como algo que nos é oferecido por Deus para nosso maior bem».

Lançou, por isso, aos jovens o desafio de dar continuidade a este dom pela prática de boas obras, pela participação em movimentos e incentivou à participação nos ritos católicos, em particular na sagrada Eucaristia, salientando que «o Domingo é que faz a Igreja, a Eucaristia é que faz a Igreja e sem missa que nos congrega ao Domingo nós não somos Igreja».

«Podemos dizer que fomos batizados, que pertencemos a uma paróquia, mas se não frequentamos, se não temos esta familiaridade e esta assiduidade vamo-nos afastando pouco a pouco e aquilo que podia dar sentido à nossa vida fica apenas pelo desejo, não é concretizado», afirmou, reconhecendo que é difícil porque «as propostas são tantas e o comodismo e o individualismo acomodam-se dentro da nossa casa».

«Criticamos a Igreja, mas esquecemo-nos de que nós próprios também somos a Igreja», lembrou Dom José Cordeiro, argumentando que o dinamismo surgido das JMJ pode ajudar neste percurso «a não perder o horizonte e a criar uma Igreja diferente em que dê mais gosto participar na eucaristia dominical e em tantas outras propostas para que nos sintamos a prosseguir este caminho da verdade e vida que é Jesus e sentirmos que a esperança dá uma outra luz ao nosso peregrinar»

Ronda da Lapinha. A paróquia de São Lourenço de Calvos, no arceprelado de Guimarães e Vizela, promoveu em 18 de junho mais uma edição da Ronda da Lapinha. Este ano, com o tema “Todos juntos, com Maria mãe do amor, somos morada de Deus...”. Foi precedida de uma novena entre os dias 09 e 17.

No dia 18, às 11h00, houve Missa presidida por D. José Cordeiro.

A célebre procissão partiu do Santuário da Lapinha às 13H00 rumo à Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira de onde, uma hora depois, regressou ao Santuário.

Dom José Cordeiro, que fez metade do percurso a pé, com os demais peregrinos, entre Calvos e a igreja de Nossa Senhora da Oliveira, em Guimarães, disse ao «Diário do Minho»:

«É uma jornada desafiante. É cansativa, mas é encantadora». «Caminhar junto ao andor da santa padroeira e protetora das culturas, com uma multidão de peregrinos, muitos com flores nas mãos, atravessando mais de uma dezena de freguesias, ao som de cânticos e orações, muitas vezes num passo alucinante, vencendo mais de 10 quilómetros, é uma experiência inesquecível».

«Sentir o pulsar da alma do povo neste espírito de Ronda e não tanto naquela peregrinação mais clássica é especial e dá muito que pensar, porque aqui temos a interligação entre a religiosidade e a piedade popular a partir da liturgia».

O Arcebispo Primaz revelou também que outro dos aspetos que mais o encantou e surpreendeu, logo pela manhã, na chegada, foi ver ao longo da subida até à encosta da montanha da Penha tantas e tantas pessoas a peregrinar, verificando que a Ronda pode ser feita, individualmente ou em grupo, a qualquer hora do dia e em qualquer sentido. «É um caminho de livre iniciativa, além desta proposta para a grande multidão e esta é mesmo a metáfora da Igreja, sempre de portas abertas, onde todos têm lugar, onde todos podem expressar a sua fé, a partir do seu coração e da presença de Deus na sua própria história. Os que participam sentem esta presença afetiva e efetiva do povo santo de Deus».

Realizada ao longo de mais de quatro séculos, esta peregrinação tem na sua génese o carácter de um clamor de penitência, percorrendo 14 freguesias do concelho de Guimarães (Calvos, Infantas, Costa, Mesão Frio, Azurém, Oliveira do Castelo, S. Paio, S. Sebastião, Creixomil, Urgezes, Polvoreira, Tabuadelo, S. Faustino e Abação) numa distância de 21 Km. Indo por um caminho e regressando por outro, o trajeto tem uma forma circular, o que lhe atribui a designação “Ronda da Lapinha”.

Festas em honra de S. Pedro realizaram-se em Guimarães entre 29 de junho e 02 de julho, numa iniciativa da Irmandade do Príncipe dos Apóstolos S. Pedro, que tem a sede na Basílica do Toural.

8 – Apostolado dos Leigos

Notícias diversas

Formação de adultos. O Departamento para a Formação e Ministérios Laicais promoveu nova sessão do curso ACREDITAR, destinado à formação cristã de adultos, na modalidade intensiva.

Decorreu em três sábados (24 de junho, 01 e 08 de julho) no Centro Cultural e Pastoral da Arquidiocese.

Os ministros extraordinários da comunhão, que vão colaborar na distribuição da Sagrada Comunhão na Jornada Mundial da Juventude, tiveram em 30 de junho uma ação de formação na igreja paroquial de S. José de S. Lázaro.

A Associação de Música Sacra de Braga promoveu em 16 de junho, na Igreja paroquial de S. Victor (Braga) um recital de órgão e canto.

O programa incluiu obras de compositores como J. Pachelbel e J. G. Rheinberger. A interpretação esteve a cargo de Samuel Pinto no órgão e de Daniela Rego no canto.

O III Encontro Arquidiocesano de Acólitos realiza-se em 01 de julho no santuário de Nossa Senhora do Pilar, na Póvoa de Lanhoso.

Organizado pelo Serviço de Ministérios Litúrgicos do Departamento Arquidiocesano para a Liturgia tem por tema «Passo a Passo com Maria».

Pastoral familiar. O Departamento Arquidiocesano da Pastoral Familiar promoveu em 25 de junho, na Casa da Juventude de Esposende, uma palestra subordinada ao tema «Oncologia e fertilidade».

A Confraria de Nossa Senhora do Rosário do Monte da Franqueira, arceprelado de Barcelos, promoveu em 25 de junho a Festa da Família, com celebração da Eucaristia e entrega de diplomas a 26 casais que celebram 25, 40, 50 e 55 anos de casados.

O P. João Alberto Correia proferiu no dia 26 de junho, no salão paroquial de Vila Verde, uma palestra sobre «Matrimónio, Sacramento e Amor – A Igreja somos nós».

9 – Pastoral Social

Notícias diversas

Conferências vicentinas. Teresa Carvalho, presidente do Conselho Central de Braga das Conferências Vicentinas, tomou posse do cargo em 03 de junho na igreja do mosteiro franciscano de Santa Clara, em Vila do Conde.

Prometeu «trabalhar de forma empenhada, em espírito de missão e responsabilidade, para que a Sociedade de São Vicente de Paulo se fortaleça

e os vicentinos consigam chegar junto do maior número possível de carenciados».

Tinha sido eleita para o cargo em 25 de março.

Pão de Santo António. O programa das festas em honra de Santo António, em Vila Nova de Famalicão, incluiu uma celebração eucarística na Praça D. Maria II, a que presidiu Dom Delfim Gomes.

No fim da Missa foram benzidos mais de 3.500 pães, alguns dos quais foram distribuídos pelos presentes. Muitos deles chegaram, de forma anónima, a famílias carenciadas do concelho. Integraram também o cabaz de alimentos que a paróquia de Santiago de Antas distribui mensalmente por 50 famílias.

10 – Memória

P. Abílio Correia

Publicamos uma entrevista feita pelo Departamento Arquidiocesano da Comunicação Social (DACS) ao pároco de S. Mamede de Este, Cónego Avelino Amorim, sobre um dos seus antecessores, o Venerável P. Abílio Gomes Correia.

Padre Abílio nasceu em Padim da Graça, a 9 de Fevereiro de 1882. Ordenado sacerdote a 24 de setembro de 1904, começou como auxiliar em Padim da Graça e capelão da Irmandade do Senhor dos Passos de Cabreiros, sendo nomeado a 21 de Julho de 1907 pároco de S. Mamede de Este, onde permaneceu (com duas interrupções), até à data da sua morte, a 29 de Junho de 1967.

DACS - Como surgiu o título de “Apóstolo da Eucaristia”?

Cónego Avelino - O nome ou este epíteto de apóstolo da Eucaristia é exatamente o título do primeiro livro que foi dedicado ao servo de Deus, Padre Abílio, escrito pouco tempo após a sua morte, portanto, na década de 70, pelo padre Fernando Leite, que era um sacerdote jesuíta que o conheceu muito bem (ele mesmo um sacerdote com fama de santidade entre nós, sobretudo pelo trabalho muito próximo com os mais os mais desfavorecidos e na pastoral prisional).

O livro que hoje está esgotado, mas ainda é grande referência, como o dos escritos da vida do Servo de Deus, do padre Abílio. O título desse livro é “Apóstolo da Eucaristia”. Pessoalmente gosto também de um outro, que é anterior a este, da década de 40, dado pelos seus paroquianos e que está num quadro presente na sacristia de São Mamede de Este. No aniversário do Padre Abílio, a 9 de fevereiro de 1943, é colocado um quadro com a figura do padre Abílio, onde ele é chamado de Apóstolo do Santíssimo Sacramento, inspirado no trabalho que ele já vinha fazendo desde meados da década de 1910.

Isso traduz ainda melhor toda a ação pastoral do Padre Abílio, porque não se centra apenas na celebração da Eucaristia, mas em toda a devoção e adoração do Santíssimo Sacramento.

A partir de 1914, o Padre Abílio começa a publicar O Mensageiro Eucarístico, revista mensal. Era o apoio para a adoração eucarística mensal nos movimentos e nas comunidades que fundou ou motivou este culto, a adoração ao Santíssimo Sacramento, que procurou espalhar por todo o país e mesmo fora de Portugal.

DACS - Não era uma coisa comum para as comunidades, certo?

Cónego Avelino - Padre Abílio se inspirou muito no espírito dos Padres do Santíssimo Sacramento, como o Padre (São) Julião Eymard - que fundou a Congregação do Santíssimo Sacramento-, do qual ele tinha uma relíquia, conservada em São Mamede.

O princípio era a renovação pastoral a partir da Eucaristia. Portanto, também no sentido de todo o movimento litúrgico, e, nesse espírito, depois o Concílio Vaticano II traduz nessa célebre expressão: “A Eucaristia é a fonte e o cume da vida da Igreja”.

DACS - Alguém tem a informação de como aconteceu esse primeiro esse amor, como ele se aproximou da Eucaristia nesse sentido?

Cónego Avelino - Não temos a informação de como ele chega aos Padres do Santíssimo Sacramento. Já contactamos a França, e não

há qualquer registo. Neste momento, o Padre Pedro Daniel, que está a estudar em Roma, está também a perceber um pouco esta ligação para perceber se nos arquivos em Roma existe alguma ligação.

Que ele é pioneiro em Portugal sim, porque os Padres do Santíssimo Sacramento nunca tiveram uma presença em Portugal. A única presença que é referida, apenas de passagem, alguns meses em Lisboa, como preparação, como um momento de aprender e aperfeiçoar a língua portuguesa de de sacerdotes que iam a caminho de Moçambique, para para fundar lá também uma missão deles.

Portanto, o que sabemos é que, já na década de 1910, o culto e estes movimentos eucarísticos estão presentes em São Mamede. Sabe-se também que o Padre Abílio acompanhou D. Manuel Vieira de Matos ao primeiro Congresso Eucarístico e, portanto, está já muito presente. Padre Abílio foi ordenado em 1907. É muito da sua génese, da sua vida sacerdotal, é uma convicção muito profunda.

Estamos a trabalhar e esperamos em breve, pelo menos no horizonte do próximo Congresso Eucarístico (em Braga, 2024), tê-los muito bem definidos. Há o fato da proximidade do padre Abílio a outras grandes figuras - o frei Bernardo Vasconcelos e a Beata Alexandrina de Balasar (que também pertenceu a estas associações eucarísticas que o padre Abílio fundou).

DACS - São Mamede tem nos seus azulejos, colocados pelo Padre Abílio, as figuras do Santo Cura d' Ars, São Julião, e tem muitas expressões que eucarísticas, também gravadas à letra. É por isso que ele ficou conhecido como o cura de Portugal?

Cónego Avelino - De facto, ele passava horas e horas, dia e noite, diante do Santíssimo Sacramento. Nunca o deixou escrito, mas deixou partilhado com aqueles que foram os seus colaboradores mais próximos, as graças e certamente alguma visão beatífica que ele teve, mas que se recusou sempre a revelar, guardava como uma graça particular.

Mas quem o acompanhava afirma, ainda hoje, com toda a convicção, que sim, que o padre Abílio teve esta proximidade muito grande com com o Santíssimo Sacramento

DACS - Tudo isso ganhou uma outra dimensão na comunidade ...

Cónego Avelino - Ainda há pouco terminei de fazer uma relação das paróquias. São 1124 que ele tinha registadas, pelo cujo dele, quando iniciaram, como foram agregadas... E estamos a falar só da agregação do Santíssimo Sacramento. Mas há depois os pajens do Santíssimo Sacramento (sobretudo para as idades mais jovens), os Padres do Santíssimo Sacramento (sacerdotes que se comprometiam e se identificavam neste movimento). As paróquias tinham adoração noturna (algumas). Havia a adoração cotidiana, que ele fundou no início da década de 1920, em que as paróquias se comprometeram à adoração contínua do Santíssimo Sacramento. Chegou a ter 3000 assinantes da revista Mensageiro Eucarístico e estamos a falar do início do século XX, não hoje, com as capacidades que temos. Isso com todas as dificuldades, não só na expedição, mas, como por exemplo, os custos dos materiais.

Na altura era uma paróquia rural, pequena e, portanto, tudo parte dali não só para o nosso país, mas para Angola, Moçambique. Há estes registos e também da pertença de diversos seminários, portanto ele chegou ao coração pastoral de Portugal, sem dúvida alguma.

DACS - Ele deixou frases que estão gravadas na paróquia como a “Eucaristia ser trasladada à terra para fazer da terra um céu”...

Cónego Avelino - O padre Abílio dizia que a única possibilidade que temos de saborear um pouco aquilo que viveremos depois, de forma plena e definitiva, na eternidade, é de facto a Eucaristia, porque é a presença real de Jesus, é o próprio Jesus que aí está. Ele dizia isso mesmo - tomai o vosso tempo de adoração eucarística como vossa experiência do céu. As palavras não são textuais, mas é esta ideia. Este tempo da celebração da Eucaristia, da adoração eucarística é o tempo que temos, a oportunidade e a experiência que temos para viver desde já a comunhão com Deus, daquilo que vamos viver na eternidade, por todo o sempre.

Ele tentou explicar isso em dezenas de pequenas frases. São os escritos que temos dele. Não temos escritos extensos, até porque, após a morte dele, lamentavelmente, perderam-se alguns. Procuramos depois, sobretudo através da revista Mensageiro Eucarístico, muitas expressões dele relacionadas à Eucaristia. Pequenas frases que hoje procuramos também tomar, por exemplo, para os nossos momentos de Adoração Eucarística na comunidade, porque nos parecem que são factos muito expressivas, muito fortes, muito verdadeiras.

Porque é que adoramos a Eucaristia? Porque nela está Jesus. É a presença real de Jesus. Não é simbólica, nem figurativa. É o próprio Jesus. Portanto, é neste diálogo e neste 'tu a tu' com Jesus, que a Adoração Eucarística permite fazer esta experiência do céu. Era isso que ele dizia, e é verdade. A fé cristã não é uma esperança adiada, é para o hoje.

DACS - Padre Abílio deu início à renovação eucarística em Portugal? O primeiro Congresso Nacional se deve a ele?

Cónego Avelino - Não só a renovação eucarística, mas na linha dos Padres do Santíssimo Sacramento, era mais do que a renovação eucarística litúrgica, era a renovação pastoral. A Igreja em Portugal tinha sofrido um duro golpe com a implantação da República, com a perseguição, uma situação muito difícil para a Igreja.

Ele sempre defendeu que o caminho era este, através do culto católico, não só da Eucaristia, mas também da Adoração Eucarística. O padre Abílio vai em 1922 a Roma, ao Congresso Eucarístico Internacional, acompanhando o Arcebispo.

No regresso, manifesta o desejo de realizar um congresso em Portugal. Mas havia a dificuldade económica, não só pela situação da Igreja e do país, mas também porque a diocese estava muito empenhada na renovação dos seminários. Nesse contexto, o Padre Abílio oferece para, com os seus assinantes, prover o necessário para realizar um Congresso Eucarístico diocesano em 1923.

Na sequência desse primeiro, surge esta ideia de realizar o Congresso Eucarístico Nacional, em 1924. Aliás, a maior parte dos Congressos Eucarísticos foram realizados em Braga, não só este,

mas depois, em 1957, depois mais tarde em Fátima, que julgo que na década de 70 e depois em 1999, de novo, em Braga. Agora, o próximo, em 2024, novamente em Braga. Há essa presença muito forte, um contributo, mas também muito escondido, do Padre Abílio.

DACS - Como ele era?

Cónego Avelino - Era uma pessoa muito simples. Isso também revela muito o sentido eucarístico da sua vida. O importante não era que o nome dele aparecesse.

Hoje falamos novamente desta importância da renovação pastoral. Vemos imensos projetos de renovação pastoral, certamente inspirados em muitas vertentes. Mas o padre Abílio inspirava-se na Eucaristia. Se a Eucaristia é presença real e se a evangelização leva ao encontro com Cristo, a Eucaristia dá um enorme contributo. Evangelização é levar cada pessoa ao encontro com Cristo, que transforma e dá sentido à vida. Esse encontro com Cristo aparece privilegiadamente na Eucaristia.

Todo este movimento, que não se reduz à celebração da Eucaristia, lógico, mas do conhecer a Eucaristia, do adorar, do viver estava nessa linha de uma renovação que ainda hoje julgo possível e que procuramos nós, enquanto paróquia, redescobrir. O próximo Congresso Eucarístico poderá reforçar um pouco isso. Neste tempo em que voltamos a falar de renovação pastoral, qual o lugar da Eucaristia, nesta mesma renovação pastoral?

DACS - Como o exemplo dele pode despertar a comunidade? Como vivem isso?

Cónego Avelino - A comunidade tem ainda o privilégio de poder contar com o testemunho de pessoas que privaram com o padre Abílio. Não esqueçamos fez agora, dia 29 dia de junho, dia de São Pedro, 56 anos que ele faleceu. Algumas pessoas privaram muito de perto com ele e, ainda hoje, podemos conversar, escutar e ver aquele 'brilhozinho' nos olhos de quem esteve com ele. Alguns acompanharam-no muito de perto.

Lembro de um caso concreto, uma pessoa que frequentou o Seminário ainda no tempo dele, que o acompanhava nas férias por todas as deslocações que fazia, e ainda hoje nos dá esse testemunho.

Para além disso, temos procurado trazer aos poucos também a Eucaristia para o coração da nossa vida, não só na Eucaristia celebrada, mas na dinâmica pastoral de toda a comunidade, que é um longo caminho.

Se calhar precisamos é redescobrir o sentido e a importância da Eucaristia na vida de cada um. Penso que é também o grande tributo que podemos dar, reconhecendo o contributo que ele deixou.

Padre Abílio não é de todo uma figura de museu, nem de história, nem é isso que pretendemos. Se formos capazes de perceber e entender a Eucaristia como ele o fez, estaremos muito mais preparados para estes desafios pastorais que se colocam à comunidade.

Isso sim é o que pretendemos com o processo de canonização que foi iniciado e que só assim fará sentido. Não queremos mais uma estátua na Igreja, não nos diria absolutamente nada, mas reconhecemos que aquilo que nos deixou como legado ainda hoje é muito importante para vivermos a nossa fé cristã e por isso o tomamos como modelo.

3.

Da Igreja em Portugal

Jornadas Pastorais do Episcopado

*Comunicado da Conferência Episcopal Portuguesa
divulgado em 21 de junho.*

1. Nos dias 19 e 20 de junho decorreram em Fátima, no Centro Pastoral Paulo VI, as Jornadas Pastorais do Episcopado dedicadas ao tema “JMJ Lisboa 2023 – Desafios pastorais pós-Jornadas para as Dioceses e para a Conferência Episcopal Portuguesa”, contando com cerca de 100 participantes entre bispos, sacerdotes, consagrados, leigos e jovens, nomeadamente os responsáveis pelos Comitês Organizadores Diocesanos (COD) da JMJ Lisboa 2023.

2. Na abertura das Jornadas Pastorais, o Presidente da Conferência Episcopal Portuguesa, D. José Ornelas, assinalou a unidade da Igreja em Portugal no caminho de preparação para a Jornada Mundial da Juventude, em Lisboa, destacando que a Peregrinação dos Símbolos da JMJ pelas Dioceses portuguesas tem sido uma oportunidade para consolidar convergências em torno desse objetivo comum. Alertando para a necessidade de um trabalho continuado de motivação interior, acompanhamento e participação dos jovens, D. José Ornelas sublinhou

que os frutos da JMJ devem estar “no horizonte do coração e dos calendários”, apontando como determinante o trabalho conjunto que tem vindo a ser feito, sinal visível da comunhão eclesial.

3. O primeiro dia de jornadas contou com a presença de vários membros do Comité Organizador Local (COL) da JMJ Lisboa 2023. O Padre Nuno Amador, membro da Direção de Pastoral, apresentou o fundamento teológico da Jornada Mundial da Juventude, abordando a história, objetivos, tema e dimensões pastorais específicas deste acontecimento. De seguida, os responsáveis das diversas Direções do COL partilharam algumas informações práticas da realização da JMJ, nomeadamente no que se refere à comunicação, às inscrições, aos voluntários, aos Dias nas Dioceses e aos principais eventos da semana JMJ.

4. Da partilha dos Comités Organizadores Diocesanos sobre os frutos da JMJ que já se sentem nas realidades locais e os desafios que se apresentam no pós-JMJ emergem as seguintes linhas:

- escutar os jovens, numa perspetiva sinodal, reconhecendo que são protagonistas do processo de renovação da Igreja, e com eles promover estruturas e organizar projetos, sendo consequentes e tomando decisões de acordo com aquilo que pedem, desejam e necessitam;
- desenvolver a rede de comunicação e comunhão que foi criada entre paróquias, vigararias e dioceses através dos Comités Organizadores Paroquiais, Vicariais e Diocesanos e manter as relações externas com as diferentes entidades da sociedade civil;
- investir em recursos humanos a tempo inteiro para se dedicarem à pastoral juvenil, tendo como objetivo fundamental acompanhar os jovens, formar quem os acompanha e capacitar novos líderes para a evangelização;
- promover um trabalho mais próximo entre as diferentes áreas pastorais passando de uma pastoral segmentada para uma pastoral integrada, procurando uma Igreja mais sinodal tendo em conta o Sínodo dos Bispos sobre a sinodalidade atualmente em curso;

- integrar o dinamismo criado por ocasião da JMJ no processo de reflexão do Sínodo dos Bispos de 2018 sobre os jovens, a fé e o discernimento vocacional.

5. As Jornadas Pastorais do Episcopado terminaram com a apresentação de um estudo desenvolvido para a Conferência Episcopal pelo Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa da Universidade Católica. Este estudo, denominado “Jovens, Fé e Futuro”, foi realizado a partir de um questionário online com o objetivo de compreender como os jovens entre os 14 e os 30 anos vivem a dimensão espiritual nas suas vidas e olham para o futuro. A apresentação pública das principais conclusões deste estudo decorrerá no próximo dia 6 de julho na Universidade Católica em Lisboa.

6. Ao encerrar os trabalhos, o Presidente da Conferência Episcopal, D. José Ornelas, destacou a alegria e o ambiente de festa que se vive na proximidade da realização da Jornada Mundial da Juventude e reforçou a necessidade de não se perder a rede de comunicação e comunhão que já foi criada a partir dos Comitês Organizadores Paroquiais, Vicariais e Diocesanos da JMJ, apelando à mudança, em ordem a uma Igreja mais sinodal, onde os jovens têm um papel ativo e são os principais agentes de renovação pastoral.

207.^a Assembleia Plenária Extraordinária

7. Após as Jornadas Pastorais decorreu a 207.^a Assembleia Plenária Extraordinária da CEP que abordou os seguintes pontos:

- homologação das Comissões Episcopais para 2023-2026 e nomeação dos respetivos secretários;

- nomeação do P. Jorge Miguel Lopes Ferreira, Diocese de Angra, e de Mons. Manuel Saturino da Costa Gomes, SCJ (recondução), como Diretores Espirituais do Pontifício Colégio Português para o triênio 2023-2026;
- informação sobre o V Congresso Eucarístico Nacional, que vai decorrer em Braga de 31 de maio a 2 junho de 2024 com o tema “Partilhar o Pão, alimentar a Esperança. Reconheceram-n’O ao partir o Pão”;
- apoio à proposta de Santa Teresa Benedita da Cruz (Edith Stein) para Doutora da Igreja;
- informação sobre o processo sinodal em curso, nomeadamente a divulgação do documento de trabalho para a XVI Assembleia Geral do Sínodo dos Bispos, que vai decorrer em outubro de 2023 e 2024.

8. No percurso que a Igreja em Portugal está a percorrer para prevenir e implementar uma cultura de cuidado e proteção dos menores e adultos vulneráveis nos seus ambientes estiveram presentes na Assembleia Plenária alguns membros do Dicastério para a Doutrina da Fé com o objetivo de consolidar a articulação entre as Dioceses Portuguesas e aquele organismo da Santa Sé no âmbito do tratamento de casos de abuso sexual de menores cometidos por clérigos.

Ainda neste tema, e saudando o primeiro mês de atividade do Grupo VITA que desenvolve a sua ação em articulação com a Equipa de Coordenação Nacional das Comissões Diocesanas de Proteção de Menores, os Bispos tomaram conhecimento dos primeiros passos dados no acolhimento às vítimas e continuam a acompanhar o projeto em curso.

Comissões Episcopais da CEP para 2023-2026

1. EDUCAÇÃO CRISTÃ E DOCTRINA DA FÉ

Presidente: D. António Augusto de Oliveira Azevedo

Vogais: D. António Manuel Moiteiro Ramos
D. Manuel da Rocha Felício
D. Delfim Jorge Esteves Gomes

Secretário: Dr. Fernando Augusto Teixeira Moita

2. PASTORAL SOCIAL E MOBILIDADE HUMANA

Presidente: D. José Augusto Traquina Maria

Vogais: D. Joaquim Augusto da Silva Mendes
D. Manuel Neto Quintas
D. António Luciano dos Santos Costa
D. Roberto Rosmaninho Mariz

Secretário: P. José Manuel Pereira de Almeida

3. LAICADO E FAMÍLIA

Presidente: D. Nuno Manuel dos Santos Almeida

Vogais: D. José Augusto Traquina Maria
D. Francisco José Senra de Faria Coelho
D. António José da Rocha Couto
D. Jorge Ferreira da Costa Ortiga

Secretário: Dr. José Francisco Ribeiro da Cruz

4. VOCAÇÕES E MINISTÉRIOS

Presidente: D. Vitorino José Pereira Soares

Vogais: D. António Luciano dos Santos Costa
D. Joaquim Augusto da Silva Mendes
D. Joaquim Proença Dionísio

Secretário: P. António Jorge Santos Almeida

5. CULTURA, BENS CULTURAIIS

E COMUNICAÇÕES SOCIAIS

Presidente: D. Nuno Brás da Silva Martins

Vogais: D. Pio Gonçalo Alves de Sousa
D. Delfim Jorge Esteves Gomes
D. Joaquim Proença Dionísio

Secretário: Dr. Paulo Fernando da Cruz Rocha

6. LITURGIA E ESPIRITUALIDADE

Presidente: D. José Manuel Garcia Cordeiro

Vogais: D. António Maria Bessa Taipa
D. José João dos Santos Marcos

Secretário: P. Pedro Lourenço Ferreira

7. MISSÃO E NOVA EVANGELIZAÇÃO

Presidente: D. Armando Esteves Domingues

Vogais: D. Manuel da Rocha Felício
D. Rui Manuel Sousa Valério
D. Antonino Eugénio Fernandes Dias
D. António José Cavaco Carrilho

Secretário: P. José António Mendes Rebelo

Oração pelos sacerdotes

O dia 16 de junho, dia em que a Igreja celebrou, neste ano, a Solenidade do Sagrado Coração de Jesus, foi também o Dia Mundial de Oração pela Santificação dos Sacerdotes. Publicamos a mensagem de D. Vítorino José Pereira Soares, presidente da Comissão Episcopal Vocações e Ministérios.

Como Presidente da Comissão Episcopal das Vocações e Ministérios, abraço fraternalmente todos os sacerdotes, independentemente dos locais, dos serviços ou dos carismas. Nesta condição de irmão, a minha primeira palavra é de agradecimento pela oferta das vossas vidas, no silêncio, na humildade, na mansidão e nos bastidores, neste Dia de Oração pela nossa santificação.

Na sequência da proposta do Papa S. João Paulo II, rezamos neste dia 16 de junho de 2023, na Solenidade do Sagrado Coração de Jesus, para que a santidade de Cristo, único Sacerdote do Pai a quem bendiz eternamente, fecunde a nossa humanidade e a nossa doação a Deus e ao seu povo. Pode parecer estranho e até cheirar a narcisismo pedirmos por nós mesmos. Mas porque temos consciência de que pela ordenação não pertencemos mais a nós próprios, recolhemo-nos sempre no nosso Senhor.

Hoje pedimos particularmente por aqueles que se sentem mais abatidos por ambientes de descrédito ou de desconfiança, por aqueles que se sentem mais tristes ou mais abandonados, por aqueles que mais experimentam o cansaço ou a desilusão. É o Senhor Jesus quem nos convida: “Vinde a Mim, todos os que andais cansados e oprimidos, e Eu vos aliviarei. Aprendei de Mim, que sou manso e humilde de coração” (Mt 11,28-29). “Vinde e aprendei” é um imperativo no plural, que nos aproxima entre todos, mas sobretudo um convite a encurtar a distância com o mestre Jesus, o Bom Pastor do nosso dom sacerdotal, onde encontramos o conforto, a alegria, a esperança e o sossego.

Cabe às comunidades cuidar dos seus pastores, mas também cabe a nós pastores cuidarmos uns dos outros, por um cuidado que se traduz em oração e ânimo, que nos vem do aconchego do Coração de Jesus e que suporta a nossa ação. Rezar ajuda a avivar a nossa memória por cada um pessoalmente, com a sua história, com o seu percurso, com a sua entrega generosa. Na oração, nenhum de nós está esquecido, nem perdido.

Que em cada comunidade, que em cada família, que no coração de cada cristão, estejam todos os sacerdotes, todos os dias, mas de

modo muito especial neste Dia de Oração pela Santificação dos Sacerdotes e muito particularmente daqueles de quem sabemos o nome.

Se em Igreja o mal de uns a todos prejudica, também o bem e a santificação de uns a todos beneficia. Unamo-nos em oração.

✠ *D. Vitorino José Pereira Soares,*
Presidente da Comissão Episcopal Vocações e Ministérios

Venerável Irmã Lúcia

Irmã Lúcia dos Santos, um dos três pastorinhos de Fátima, é Venerável. Na manhã de 22 de junho o Papa Francisco recebeu o cardeal Marcello Semeraro, prefeito do Dicastério para as Causas dos Santos, autorizando a promulgação do Decreto que reconhece as virtudes heroicas da religiosa.

Nascida em Aljustrel em 28 de março de 1907, a Irmã Lúcia teve uma série de aparições da Virgem Maria em 2017 na Cova da Iria, em Fátima, juntamente com seus dois primos Francisco e Jacinta Marto.

Após a morte prematura dos primos, que faleceram alguns anos depois devido à gripe espanhola e foram canonizados pelo Papa Francisco em 2017, a Irmã Lúcia permaneceu como a única guardiã da mensagem que lhe foi confiada por Nossa Senhora, que ela transcreveu, a pedido do bispo de Leiria, D. José Alves Correia da Silva, em quatro documentos entre 1935 e 1941. Outro escrito, datado de 1944, continha a terceira parte do segredo de Fátima, o chamado “terceiro segredo”, e foi enviado a Roma, aberto pela primeira vez em 1960 e não revelado por São João XXIII e São Paulo VI. Foi São João Paulo II – particularmente devoto de Nossa Senhora de Fátima – que tornou o segredo conhecido no ano 2000.

A Irmã Lúcia viveu com empenho a custódia da mensagem mariana durante toda a sua longa vida, primeiro no colégio das Irmãs Doroteias em Vilar, depois como carmelita em Coimbra, onde faleceu em 13 de fevereiro de 2005.

A distinção entre a sua vida e as aparições, diz o decreto, “é difícil também porque muitos de seus sofrimentos tiveram que ser atribuídos às aparições: ela sempre foi mantida escondida, protegida, guardada. Pode-se ver em toda a sua vida a dificuldade de manter juntas a excecionalidade dos eventos dos quais ela foi expectadora e a ordinariedade de uma vida monástica como a do Carmelo”.

Em 13 de maio de 1967 a Irmã Lúcia foi a Fátima para se encontrar com São Paulo VI. Fez o mesmo com São João Paulo II em 13 de maio de 1982, quando o Pontífice ofereceu a Nossa Senhora uma das balas da tentativa de assassinato contra ele no ano anterior, e depois novamente em 13 de maio de 1991 e 13 de maio de 2000.

Após a morte da Irmã Lúcia, o Papa Bento XVI também visitou Fátima em 2010 e o Papa Francisco em 2017. Este último visitará o santuário em 05 de agosto, como etapa da viagem a Lisboa para a Jornada Mundial da Juventude.

Nota da Conferência Episcopal

É com grande alegria que a Conferência Episcopal Portuguesa acolhe a decisão do Santo Padre de promulgar hoje o Decreto sobre as Virtudes Heroicas da Serva de Deus Lúcia de Jesus, nascida a 28 de março de 1907 em Aljustrel e falecida a 13 de fevereiro de 2005 no Carmelo de Santa Teresa em Coimbra.

Trata-se de um passo importante no processo de Beatificação e Canonização da Serva de Deus Maria Lúcia de Jesus e do Coração Imaculado, que passará a ser designada como “Venerável”. Que a vida e as virtudes da Irmã Lúcia sejam cada vez mais conhecidas e fomentadas entre o Povo de Deus, a fim de ser declarada como modelo de santidade.

Neste momento de jubilosa celebração, a Conferência Episcopal manifesta particular sintonia com a Ordem dos Carmelitas Descalços e com o Santuário de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, desejando que o processo em curso, na oração e no estudo, conduza brevemente à Beatificação da Irmã Lúcia.

Lisboa, 22 de junho de 2023

4.

Da Santa Sé

Nunca afastes de algum pobre o teu olhar

«Nunca afastes de algum pobre o teu olhar» (Tb 4, 7) é o tema da mensagem do Santo Padre Francisco para o VII Dia Mundial dos Pobres, que se celebra em 19 de novembro de 2023.

1. O Dia Mundial dos Pobres, sinal fecundo da misericórdia do Pai, vem pela sétima vez alentar o caminho das nossas comunidades. Trata-se duma ocorrência que se está a radicar progressivamente na pastoral da Igreja, fazendo-a descobrir cada vez mais o conteúdo central do Evangelho.

Empenhamo-nos todos os dias no acolhimento dos pobres, mas não basta; a pobreza permeia as nossas cidades como um rio que engrossa sempre mais até extravasar; e parece submergir-nos, pois o grito dos irmãos e irmãs que pedem ajuda, apoio e solidariedade ergue-se cada vez mais forte. Por isso, no domingo que antecede a festa de Jesus Cristo, Rei do Universo, reunimo-nos ao redor da sua Mesa para voltar a receber d'Ele o dom e o compromisso de viver a pobreza e servir os pobres.

«Nunca afastes de algum pobre o teu olhar» (Tb 4, 7).

Esta recomendação ajuda-nos a compreender a essência do nosso testemunho. Deter-se no Livro de Tobite, um texto pouco conhecido do Antigo Testamento, eloquente e cheio de sabedoria, permitir-nos-á penetrar melhor no conteúdo que o autor sagrado deseja transmitir.

Abre-se diante de nós uma cena de vida familiar: um pai, Tobite, despede-se do filho, Tobias, que está prestes a iniciar uma longa viagem. O velho Tobite teme não voltar a ver o filho e, por isso, deixa-lhe o seu «testamento espiritual».

Foi deportado para Nínive e agora está cego; é, por conseguinte, duplamente pobre, mas sempre viveu com a certeza que o próprio nome exprime: «O Senhor foi o meu bem».

Este homem que sempre confiou no Senhor, deseja, como um bom pai, deixar ao filho não tanto bens materiais, mas sobretudo o testemunho do caminho que há de seguir na vida. Por isso diz-lhe: «Lembra-te sempre, filho, do Senhor, nosso Deus, em todos os teus dias, evita o pecado e observa os seus mandamentos. Pratica a justiça em todos os dias da tua vida e não andes pelos caminhos da injustiça» (Tb 4, 5).

2. Como salta à vista, a recordação, que o velho Tobite pede ao filho para guardar, não se reduz simplesmente a um ato da memória nem a uma oração dirigida a Deus. Faz referência a gestos concretos, que consistem em praticar boas obras e viver com justiça. E a exortação torna-se ainda mais específica: «Dá esmolas, conforme as tuas posses. Nunca afastes de algum pobre o teu olhar, e nunca se afastará de ti o olhar de Deus» (Tb 4, 7).

Muito surpreendem as palavras deste velho sábio. Não esqueçamos, de facto, que Tobite perdeu a vista precisamente depois de ter praticado um ato de misericórdia. Como ele próprio conta, desde a juventude que se dedicou a obras de caridade, «dando muitas esmolas aos meus irmãos, os da minha nação que comigo tinham sido levados cativos para a terra dos assírios, em Nínive (...),

fornecendo pão aos esfomeados e vestindo os nus e, se encontrava morto alguém da minha linhagem, atirado para junto dos muros de Nínive, dava-lhe sepultura» (Tb 1, 3.17).

Por causa deste seu testemunho de caridade, viu-se privado de todos os seus bens pelo rei, ficando na pobreza completa. Mas, o Senhor precisava ainda dele! Foi-lhe devolvido o seu lugar de administrador e ele não teve medo de continuar o seu estilo de vida.

Ouçamos a sua história, que hoje nos fala também a nós: «Pela festa do Pentecostes, que é a nossa festa das Semanas, mandei preparar um bom almoço e reclinei-me para comer. Mas, ao ver a mesa coberta com tantas comidas finas, disse a Tobias: “Filho, vai procurar, entre os nossos irmãos cativos em Nínive, um pobre que seja de coração fiel, e trá-lo para que participe da nossa refeição. Eu espero por ti, meu filho”» (Tb 2, 1-2).

Como seria significativo se, no Dia dos Pobres, esta preocupação de Tobite fosse também a nossa! Ou seja, convidar para partilhar o almoço dominical, depois de ter partilhado a Mesa Eucarística. A Eucaristia celebrada tornar-se-ia realmente critério de comunhão.

Aliás, se ao redor do altar do Senhor temos consciência de sermos todos irmãos e irmãs, quanto mais visível se tornaria esta fraternidade, compartilhando a refeição festiva com quem carece do necessário!

Tobias fez como o pai lhe dissera, mas voltou com a notícia de que um pobre fora morto e deixado no meio da praça. Sem hesitar, o velho Tobite levantou-se da mesa e foi enterrar aquele homem. Voltando cansado para casa, adormeceu no pátio; caíram-lhe nos olhos excrementos de pássaros, e ficou cego (cf. Tb 2, 1-10).

Ironia do destino! Pratica um gesto de caridade e sucede-lhe uma desgraça... Apetece-nos pensar assim, mas a fé ensina-nos a ir mais a fundo. A cegueira de Tobite tornar-se-á a sua força para reconhecer ainda melhor tantas formas de pobreza ao seu redor. E, mais tarde, o Senhor providenciará a devolver ao velho pai a vista e a alegria de rever o filho Tobias.

Quando chegou este momento, «Tobite lançou-se-lhe ao pescoço e, chorando, disse: “Vejo-te, filho, tu que és a luz dos meus olhos!” E continuou: “Bendito seja Deus e bendito o seu grande nome! Benditos os seus santos anjos! Que seu nome esteja sobre nós e benditos sejam todos os seus anjos, pelos séculos sem fim! Ele puniu-me, mas eis que volto a ver Tobias, o meu filho»» (Tb 11, 13-14).

3. Podemos questionar-nos: Donde tira Tobite a coragem e a força interior que lhe permitem servir a Deus no meio dum povo pagão e amar o próximo até ao ponto de pôr em risco a própria vida?

Estamos diante dum exemplo extraordinário: Tobite é um marido fiel e um pai carinhoso; foi deportado para longe da sua terra e sofre injustamente; é perseguido pelo rei e pelos vizinhos de casa... Apesar de ânimo tão bom, é posto à prova.

Como muitas vezes nos ensina a Sagrada Escritura, Deus não poupa as provas a quem pratica o bem. E porquê? Não o faz para nos humilhar, mas para tornar firme a nossa fé n'Ele.

Tobite, no período da prova, descobre a própria pobreza, que o torna capaz de reconhecer os pobres. É fiel à Lei de Deus e observa os mandamentos, mas para ele isto não basta. A solicitude operosa para com os pobres torna-se-lhe possível, porque experimentou a pobreza na própria pele. Por isso, as palavras que dirige ao filho Tobias constituem a sua verdadeira herança: «Nunca afastes de algum pobre o teu olhar» (Tb 4, 7).

Enfim, quando nos deparamos com um pobre, não podemos virar o olhar para o lado oposto, porque impediríamos a nós próprios de encontrar o rosto do Senhor Jesus.

E notemos bem aquela expressão «de algum pobre», de todo o pobre. Cada um deles é nosso próximo. Não importa a cor da pele, a condição social, a proveniência... Se sou pobre, posso reconhecer de verdade quem é o irmão que precisa de mim.

Somos chamados a ir ao encontro de todo o pobre e de todo o tipo de pobreza, sacudindo de nós mesmos a indiferença e a naturalidade com que defendemos um bem-estar ilusório.

4. Vivemos um momento histórico que não favorece a atenção aos mais pobres. O volume sonoro do apelo ao bem-estar é cada vez mais alto, enquanto se põe o silenciador relativamente às vozes de quem vive na pobreza. Tende-se a ignorar tudo o que não se enquadre nos modelos de vida pensados sobretudo para as gerações mais jovens, que são as mais frágeis perante a mudança cultural em curso. Coloca-se entre parênteses aquilo que é desagradável e causa sofrimento, enquanto se exaltam as qualidades físicas como se fossem a meta principal a alcançar.

A realidade virtual sobrepõe-se à vida real, e acontece cada vez mais facilmente confundirem-se os dois mundos. Os pobres tornam-se imagens que até podem comover por alguns momentos, mas quando os encontramos em carne e osso pela estrada, sobrevêm o fastídio e a marginalização.

A pressa, companheira diária da vida, impede de parar, socorrer e cuidar do outro. A parábola do bom samaritano (cf. Lc 10, 25-37) não é história do passado; desafia o presente de cada um de nós.

Delegar a outros é fácil; oferecer dinheiro para que outros pratiquem a caridade é um gesto generoso; envolver-se pessoalmente é a vocação de todo o cristão.

5. Damos graças ao Senhor porque há tantos homens e mulheres que vivem a dedicação aos pobres e excluídos e a partilha com eles; pessoas de todas as idades e condições sociais que praticam a hospitalidade e se empenham junto daqueles que se encontram em situações de marginalização e sofrimento.

Não são super-homens, mas «vizinhos de casa» que encontramos cada dia e que, no silêncio, se fazem pobres com os pobres. Não se limitam a dar qualquer coisa: escutam, dialogam, procuram compreender a situação e as suas causas, para dar conselhos adequados e indicações justas. Estão atentos tanto à necessidade material como à espiritual, ou seja, à promoção integral da pessoa. O Reino de Deus torna-se presente e visível neste serviço generoso e gratuito; é realmente como a semente que caiu na boa terra da vida destas pessoas, e dá fruto (cf. Lc 8, 4-15).

A gratidão a tantos voluntários deve fazer-se oração para que o seu testemunho possa ser fecundo.

6. No 60.º aniversário da Encíclica *Pacem in terris*, é urgente retomar as palavras do Santo Papa João XXIII quando escrevia: «O ser humano tem direito à existência, à integridade física, aos recursos correspondentes a um digno padrão de vida: tais são especialmente a nutrição, o vestuário, a moradia, o repouso, a assistência sanitária, os serviços sociais indispensáveis. Segue-se daí, que a pessoa tem também o direito de ser amparada em caso de doença, de invalidez, de viuvez, de velhice, de desemprego forçado, e em qualquer outro caso de privação dos meios de sustento por circunstâncias independentes da sua vontade» (n. 11).

Quanto trabalho temos ainda pela frente para tornar realidade estas palavras, inclusive através dum sério e eficaz empenho político e legislativo!

Não obstante os limites e por vezes as lacunas da política para ver e servir o bem comum, possa desenvolver-se a solidariedade e a subsidiariedade de muitos cidadãos que acreditam no valor do empenho voluntário de dedicação aos pobres.

Isto, naturalmente sem deixar de estimular e fazer pressão para que as instituições públicas cumpram do melhor modo possível o seu dever. Mas não adianta ficar passivamente à espera de receber tudo «do alto». E, quem vive em condição de pobreza, seja também envolvido e apoiado num processo de mudança e responsabilização.

7. Mais uma vez, infelizmente, temos de constatar novas formas de pobreza que se vêm juntar às outras descritas já anteriormente. Penso de modo particular nas populações que vivem em cenários de guerra, especialmente nas crianças privadas dum presente sereno e dum futuro digno. Ninguém poderá jamais habituar-se a esta situação; mantenhamos viva toda a tentativa para que a paz se afirme como dom do Senhor Ressuscitado e fruto do empenho pela justiça e o diálogo.

Não posso esquecer as especulações, em vários setores, que levam a um aumento dramático dos preços, deixando muitas famílias numa indigência ainda maior. Os salários esgotam-se rapidamente, forçando a privações que atentam contra a dignidade de cada pessoa. Se, numa família, se tem de escolher entre o alimento para se nutrir e os remédios para se curar, então deve fazer-se ouvir a voz de quem clama pelo direito a ambos os bens, em nome da dignidade da pessoa humana.

Além disso, como não assinalar a desordem ética que marca o mundo do trabalho? O tratamento desumano reservado a muitos trabalhadores e trabalhadoras; a remuneração não equivalente ao trabalho realizado; o flagelo da precariedade; as demasiadas vítimas de incidentes, devidos muitas vezes à mentalidade que privilegia o lucro imediato em detrimento da segurança...

Voltam à mente as palavras de São João Paulo II: «O primeiro fundamento do valor do trabalho é o próprio homem. (...) O homem está destinado e é chamado ao trabalho, contudo antes de mais nada o trabalho é “para o homem”, e não o homem “para o trabalho”» (Enc. *Laborem exercens*, 6).

8. Este elenco, já em si mesmo dramático, dá conta apenas de modo parcial das situações de pobreza que fazem parte da nossa vida diária. Não posso deixar de fora, em particular, uma forma de mal-estar que aparece cada dia mais evidente e que atinge o mundo juvenil. Quantas vidas frustradas e até suicídios de jovens, iludidos por uma cultura que os leva a sentirem-se «inacabados» e «falidos». Ajudemo-los a reagir a estas instigações nocivas, para que cada um possa encontrar a estrada que deve seguir para adquirir uma identidade forte e generosa.

É fácil cair na retórica, quando se fala dos pobres. Tentação insidiosa é também parar nas estatísticas e nos números. Os pobres são pessoas, têm rosto, uma história, coração e alma. São irmãos e irmãs com os seus valores e defeitos, como todos, e é importante estabelecer uma relação pessoal com cada um deles.

O Livro de Tobias ensina-nos a ser concretos no nosso agir com e pelos pobres. É uma questão de justiça que nos obriga a todos a procurar-nos e encontrar-nos reciprocamente, favorecendo a harmonia necessária para que uma comunidade se possa identificar como tal.

Portanto, interessar-se pelos pobres não se esgota em esmolas apressadas; pede para restabelecer as justas relações interpessoais que foram afetadas pela pobreza. Assim «não afastar o olhar do pobre» leva a obter os benefícios da misericórdia, da caridade que dá sentido e valor a toda a vida cristã.

9. Que a nossa solicitude pelos pobres seja sempre marcada pelo realismo evangélico. A partilha deve corresponder às necessidades concretas do outro, e não ao meu supérfluo de que me quero libertar.

Também aqui é preciso discernimento, sob a guia do Espírito Santo, para distinguir as verdadeiras exigências dos irmãos do que constitui as nossas aspirações.

Aquilo de que seguramente têm urgente necessidade é da nossa humanidade, do nosso coração aberto ao amor.

Não esqueçamos: «Somos chamados a descobrir Cristo neles: não só a emprestar-lhes a nossa voz nas suas causas, mas também a ser seus amigos, a escutá-los, a compreendê-los e a acolher a misteriosa sabedoria que Deus nos quer comunicar através deles» (Francisco, Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 198).

A fé ensina-nos que todo o pobre é filho de Deus e que, nele ou nela, está presente Cristo: «Sempre que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, a Mim mesmo o fizestes» (Mt 25, 40).

10. Este ano completam-se 150 anos do nascimento de Santa Teresa do Menino Jesus. Numa página da sua História de uma alma, deixou escrito: «Compreendo agora que a caridade perfeita consiste em suportar os defeitos dos outros, em não se escandalizar com as suas fraquezas, em edificar-se com os mais pequenos atos de virtude

que se lhes vir praticar; mas compreendi, sobretudo, que a caridade não deve ficar encerrada no fundo do coração: “Ninguém, disse Jesus, acende uma candeia para a colocar debaixo do alqueire, mas coloca-a sobre o candelabro para alumiar todos os que estão em casa”. Creio que essa luz representa a caridade, que deve iluminar e alegrar, não só os que são mais queridos, mas todos aqueles que estão na casa, sem excetuar ninguém» (Manuscrito C, 12rº: História de uma alma, Avessadas 2005, 255-256).

Nesta casa que é o mundo, todos têm direito de ser iluminados pela caridade, ninguém pode ser privado dela.

Possa a tenacidade do amor de Santa Teresinha inspirar os nossos corações neste Dia Mundial, ajudar-nos a «nunca afastar de algum pobre o olhar» e a mantê-lo sempre fixo no rosto humano e divino do Senhor Jesus Cristo.

Roma – São João de Latrão, na Memória de Santo António,
Patrono dos pobres, 13 de junho de 2023.
FRANCISCO

De geração em geração, a sua misericórdia

«De geração em geração, a sua misericórdia» (cf. Lc 1, 50) é o tema da mensagem do Papa Francisco por ocasião do III Dia Mundial dos Avós e dos Idosos que se celebra no próximo dia 23 de julho.

Queridos irmãos e irmãs!

«De geração em geração, a sua misericórdia» (cf. Lc 1, 50): assim reza o tema do III Dia Mundial dos Avós e dos Idosos.

O tema leva-nos a um encontro abençoado: o encontro entre Maria, jovem, e sua parente Isabel, idosa (cf. Lc 1, 39-56).

Esta, cheia de Espírito Santo, dirige à Mãe de Deus palavras que, dois milênios depois, cadenciam a nossa oração diária: «Bendita és Tu entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre» (1, 42). E o Espírito Santo, que já tinha descido sobre Maria, sugere-Lhe como resposta o Magnificat, onde proclama que a misericórdia do Senhor se estende de geração em geração.

O Espírito Santo abençoa e acompanha todo o encontro fecundo entre gerações diversas, entre avós e netos, entre jovens e idosos. De facto, Deus quer que os jovens, como fez Maria com Isabel, alegrem os corações dos anciãos e extraiam sabedoria das suas experiências.

Mas o primeiro desejo do Senhor é que não deixemos sozinhos os idosos, que não os abandonemos à margem da vida, como hoje, infelizmente, acontece com demasiada frequência.

Neste ano, regista-se uma proximidade estupenda entre a celebração do Dia Mundial dos Avós e dos Idosos e a Jornada Mundial da Juventude; no tema de ambas, sobressai a «pressa» de Maria (cf. 1, 39) quando visita Isabel, levando-nos assim a refletir sobre a ligação entre jovens e idosos.

O Senhor espera que os jovens, ao encontrar os idosos, acolham o apelo a guardar as memórias e reconheçam, graças a eles, o dom de pertencerem a uma história maior.

A amizade dum pessoa idosa ajuda o jovem a não cingir a vida ao presente e a lembrar-se que nem tudo depende das suas capacidades. Por sua vez, aos mais velhos, a presença dum jovem abre à esperança de que não se perderá tudo aquilo que viveram e se vão realizar os seus sonhos.

Em resumo, a visita de Maria a Isabel e a consciência de que a misericórdia do Senhor se transmite dum geração à outra mostram que não podemos avançar – nem salvar-nos – sozinhos, e que a intervenção de Deus se manifesta sempre no conjunto, na história dum povo.

É precisamente Maria quem no-lo diz no Magnificat, alegrando-se em Deus, que, fiel à promessa feita a Abraão (cf. 1, 51-55), realizou maravilhas novas e surpreendentes.

Para melhor captar o estilo do agir de Deus, recordemos que o tempo deve ser vivido em plenitude, porque as realidades maiores e os sonhos mais belos não acontecem num instante, mas através dum crescimento e duma maturação: em caminho, em diálogo, no relacionamento.

Ora, quem se concentra apenas no imediato, nas próprias vantagens que se hão de conseguir rápida e sofregamente, no «tudo e já», perde de vista o agir de Deus. Diversamente, o seu projeto de amor atravessa o passado, o presente e o futuro, abraça e põe em ligação as gerações.

É um projeto que nos ultrapassa a nós mesmos, mas no qual cada um de nós é importante e, sobretudo, é chamado a ir mais além.

Para os mais jovens, trata-se de ir mais além do imediato em que nos confina a realidade virtual, que muitas vezes nos desvia da atividade concreta; para os mais velhos, trata-se de não se deterem no debilitar-se das forças nem no lamento pelas ocasiões perdidas.

Olhemos para a frente! Deixemo-nos plasmar pela graça de Deus, que, de geração em geração, nos liberta do imobilismo no agir e das lamúrias voltadas para o passado!

No encontro entre Maria e Isabel, entre jovens e idosos, Deus dá-nos o seu futuro. Na realidade, o caminho de Maria e o acolhimento de Isabel abrem as portas à manifestação da salvação: através do seu abraço, a misericórdia irrompe, com alegre mansidão, na história humana.

Por isso, quero convidar cada um a pensar naquele encontro; mais ainda, a fechar os olhos e imaginar, como numa foto instantânea, aquele abraço entre a jovem Mãe de Deus e a mãe idosa de São João Batista; representá-lo na mente e visualizá-lo no coração, para o fixar na alma como um luminoso ícone interior.

E convido depois a passar da imaginação à vida concreta, fazendo algo para abraçar os avós e os idosos.

Não os deixemos sozinhos; é preciosa a sua presença nas famílias e nas comunidades: dá-nos a noção de partilhar a mesma herança e de fazer parte dum povo em que se preservam as raízes.

Sim! São os idosos que nos transmitem a pertença ao santo Povo de Deus. A Igreja e de igual modo a sociedade precisam deles. É que os idosos entregam ao presente um passado necessário para construir o futuro. Honremo-los, não nos privemos da sua companhia nem os privemos da nossa. Não permitamos que sejam descartados.

O Dia Mundial dos Avós e dos Idosos pretende ser um pequeno e delicado sinal de esperança para eles e para a Igreja inteira. Por isso renovo o meu convite a todos – dioceses, paróquias, associações, comunidades – para o celebrarem, colocando no centro a alegria transbordante dum renovado encontro entre jovens e idosos.

A vós, jovens, que estais a preparar-vos para partir para Lisboa ou que vivereis a Jornada Mundial da Juventude na própria localidade, quero dizer: antes de sair para a viagem, ide visitar os vossos avós, fazei uma visita a um idoso sozinho. A sua oração proteger-vos-á e levareis no coração a bênção daquele encontro.

A vós, idosos, peço para acompanhardes com a oração os jovens que estão prestes a celebrar a JMJ. Aqueles jovens são a resposta de Deus aos vossos pedidos, o fruto daquilo que semeastes, o sinal de que Deus não abandona o seu povo, mas sempre o rejuvenesce com a criatividade do Espírito Santo.

Queridos avós, queridos irmãos e irmãs idosos, chegue até vós a bênção do abraço entre Maria e Isabel, e encha de paz os vossos corações. Com afeto, vos abençoo. E vós, por favor, rezai por mim.

*Roma – São João de Latrão, na Festa da Visitação da Virgem Santa Maria,
31 de maio de 2023.*

FRANCISCO

